Daniel Dafoe

Robinson Crusoé

VIRTUAL BOOKS

Apoio:

Patrocínio:

Realização:

Robinson Crusoé
Daniel Defoe

Robinson Crusoé
Daniel Defoe

Nasci em 1632, na cidade de York, onde meu pai passara a viver, depois de ter conseguido, com seus negócios, alguns meios de fortuna. Tinha dois irmãos mais velhos do que eu. Um, tenente-coronel, que faleceu na batalha de Dunquerque, na luta contra os espanhóis. Quanto ao outro, nada sabia do que lhe sucedera, coisa que nem meus pais podiam informar-me, tanto o tempo que nos deixara.

Como não tinha o que fazer, porque não aprendera ofício algum, dei de encher a cabeça com fantasias. Estudara numa excelente escola pública de York, meu pai desejava que eu seguisse a carreira de advogado, mas o desejo que me consumia era outro. Dedicar-me à vida do mar era coisa que me dominava inteiramente, pondo-me surdo às advertências e às solicitações serenas e doces de minha boa mãe. Meu pai, homem grave e enérgico, deu-me ótimos conselhos, para que deixasse de lado aquelas fantasias, mas tudo foi em vão. O chamamento do mar era coisa poderosa, que me atraía e subjugava.

Um dia, chamou-me ele ao seu quarto, porque acamado, e me falou, mais quente e mais seriamente, das minhas frioleiras, inquirindo-me sobre a razão de meu desejo de

deixar a casa paterna, onde tudo tinha para enriquecer, graças à minha aplicação, podendo levar vida agradável e tranqüila. Exortou-me, para que não cometesse loucuras, coisa de desmiolados, apontando-me, muito candentemente, as lágrimas vertidas por minha mãe. Para que sair doidamente pelo mundo, a lutar pelo ganha pão, quando tudo vinha fazendo por mim, para me garantir profissão honesta, suave e honrosa? Passou, depois, a advertir-me de que por mim não mais se responsabilizaria, se porventura algo errado viesse a fazer, depois de suas palavras. Resumindo, falou-me ele tão sabiamente, tão senhor de si e tão verdadeiramente, com tanto ardor, que, ao terminar, corriam-lhe dos olhos as lágrimas abundantemente, principalmente quando se referiu à morte de meu irmão.

- Um dia - disse-me, - de olhos marejados, tu te arrependerás, e, então, hás de ver, não terás ninguém que te console. Estarás sozinho.

Sentia tanto o que dizia, que, nesse ponto, despediu-me do quarto, confessando-se sem forças para proferir o que quer que fosse.

Tudo me comoveu sinceramente. A ternura, a segurança, as lágrimas, a voz sempre embargada, a figura meio soerguida na cama, sem forças para continuar aconselhando-me - tudo me comoveu até o fundo do coração. Resolvi, então, não mais pensar em viagens ou aventuras.

Todavia - ó meu Deus! - a minha boa disposição passou num instante. A tentação do mar, das viagens do desconhecido tanto aumentou, fez-se tão aguda, que, resolvido a deixar o lar, decidi partir sem me despedir do meu bom pai.

Um dia, quando minha mãe parecia mais disposta e alegre

do que comumente, chamei-a e passei a expor-lhe toda a paixão de ver o mundo, que me ardia dentro do peito, coisa invencível. e que me subjugava e de que jamais poderia livrar-me. Disse-lhe, aos trancos e barrancos, de mãos frias e trêmulas, que ia partir, custasse o que custasse.

Minha mãe fez-se muito séria, e, encolerizada, disse-me que não podia conceber como eu, depois de tudo aquilo que meu pai dissera, podia pensar em semelhante loucura.

Estava brava, vermelha, e gesticulava, mas dos olhos brotavam-lhe lágrimas sem-fim. Depois, repentinamente, branda, terna e serena, falou:

- Meu filho: aqui, comigo e com teu pai, tens tudo, tudo para seres feliz. Não o serás longe de nós, em terras estranhas. Será a tua ruína. Deixa-te ficar. Ouve o que tua mãe te diz.

Verguei-me diante dela, figura inolvidável. e querida e, só depois dum ano, consegui safar-me. Por acaso, estando eu em Hull, encontrei um amigo, que ia embarcar para Londres, no navio do pai. Convidou-me. Aceitei. Não consultei meu pai nem minha mãe. Fui-me sem a bênção daqueles que se desvelavam por mim. Sequer implorei o auxílio do céu.

Era a 1º de setembro de 1651 - o dia mais fatal de toda a minha vida.

Primeira viagem

Às vezes, macambúzio, ponho-me a pensar e pergunto-me se houve, por este mundo, aventureiro cujos infortúni-

os começassem mais cedo que os meus e durassem mais tempo.

Assim que o navio deixou o rio, o Rio Humher, começou o vento a soprar e o mar a agitar-se loucamente. Enjoado com o jogo do barco, aterrorizado com a fúria do oceano, senti-me seriamente doente, do corpo e da alma, tomado duma angústia que jamais poderia descrever. E, desde logo, entrei a refletir sobre os meus atos e sobre a justiça divina. Não fora eu filho ingrato e desobediente? Surdo às palavras de meus pais?

As lágrimas que verteram por mim, os salutares conselhos que me deram, as súplicas que me dirigiram, ansiosos e veementes - tudo, agora, me enchia de água os olhos, que me ardiam, abrasadores.

A tempestade, mais terrível, uivava, e o mar, a cada passo, mais agitado e tremendo, dava-me a impressão de que iria engolir-me. Poderia haver coisa mais assombrosa do que uma tormenta no mar? Se julgava que a fúria dos elementos estava no seu clímax, pobre marinheiro de primeira viagem, estava muito enganado. Porque, assim que deixei de lado os pensamentos que me vinham torturando e me pus a atentar para feia e escura paisagem, vi que a tempestade redobrava de intensidade, e o barco, a jogar malucamente e a ranger, não demoraria muito a ir para o fundo, a todos nos sepultando para sempre.

De olhos arregalados, caí de joelhos junto a um amontoado de cordas encharcadas e, angustiado, fiz muitas promessas, pedindo a Deus que me salvasse e, por sua graça, me depositasse, livre de perigo, em terra firme. Então, correndo, iria em busca de meus pais, a quem pediria perdão, afiançando-lhes que jamais tornaria a deixar a tranqüilidade do lar.

A tormenta, a pouco e pouco, foi-se amainando, e, afinal, no dia seguinte, tudo era calma. Sorri, então, do meu medo, e, à noite, uma noite encantadora, de céu negro e sem nuvens, todo picado de estrelas, maravilhado diante de tanta beleza e pureza, esqueci-me das promessas que fizera.

Para comemorar a bonança, correu por toda a tripulação um bom grogue. Eu me embebedei pela primeira vez e tudo ficou para trás, bem para trás.

Oito dias depois, de manhã, tivemos forte vento de novo. Toda a tripulação recebeu ordem de abater os joanetes e de a tudo ter muito bem preparado para que fossem. dados ao navio todas as facilidades para enfrentar o mau tempo. Ali pelo meio-dia, o mar embraveceu terrivelmente. No rosto daqueles que enfrentaram a borrasca anterior com serenidade, encontrei o terror bem à mostra. Ao comandante, que era homem de extraordinário sangue frio e encorajador dos marujos que tinha sob o seu comando, muitas vezes ouvia exclamar, olhando para o céu: Meu Deus, tende piedade de nós! Estamos todos perdidos! Que será de nós!

Meu beliche era próximo ao leme. Completamente desvairado, corri para ele e me atirei ao chão, a soluçar. Confuso, a tremer, envergonhado da minha dureza de coração, do não cumprimento daquilo que prometera, mortificava-me e mortificava-me, a chorar como jamais pensara pudesse assim chorar, tão perdida, largadamente.

Quando dei por mim, deixara o beliche e, fora, estava a observar o tempo. Nunca vi espetáculo mais terrível, de vagas, como montanhas, a elevar-se e depois a despencar sobre o navio, a todo instante, e de tamanha escuridão, a nos rodear. Vi o piloto a chorar, rogando ao comandante

que consentisse no corte do mastro de proa, para que não sobrássemos, e o velho lobo-do-mar, duro, inflexível, a teimar, a berrar, que não.

À tarde, porém, deu-se por vencido, e a operação foi feita.

Tudo era horroroso. O temporal era tão violento que eu vi coisas que muito raramente são vistas, o comandante, o imediato e outros mais tarimbados, homens duros e curtidos, a rezar e a implorar a Deus, em altos brados, certos de que iríamos a pique.

Por volta da meia-noite, um marinheiro que tinha ido ao porão apareceu aos berros, a dar a notícia de que ali um grande rombo fazia muita água.

Inexperiente de tudo, acharam os marinheiros que eu, pelo menos, devia servir para tocar a bomba e, assim, transido de medo, tremendo como jamais tremera por toda a vida, lá fui eu tocar a bomba. Trabalhei com vigor, sem interromper o funcionamento daquela peça salvadora.

Quando tornei a mim, ia, com os companheiros, num escaler, apertadíssimo, que a embarcação que de nós se aproximara a muito custo conseguira enviar-nos. O nosso navio fora-se, para o fundo, e só por milagre ali estávamos. Depois duma grande luta, por um tempo que me pareceu excessivamente longo, fomos, com a graça de Deus, dar em Cromer e, dali, a pé, chegamos até Yarmouth, onde pudemos descansar.

Enquanto isto, um barco, como o nosso ao sabor das águas, foi-se aproximando, sem que o percebessem, e o nosso comandante, temendo maiores males, ordenou que se disparasse um tiro, para dar sinal de perigo.

A ordem foi imediatamente cumprida, mas eu, que de nada sabia, todo atento ao meu duro labor, julguei que o navio se despedaçara, e desmaiei.

Outras viagens

ESTABELECI que devia voltar para casa. Regressar ao lar, de fato, era a coisa mais acertada que poderia fazer, mas, logo, o demônio pôs-se a tecer artimanhas, e me vi, estranhamente, com imensa vergonha de enfrentar meus pais e de ser objeto de falatório da vizinhança.

Como tinha algum dinheiro, dei um pulo a Londres, onde estive alguns dias, até que, sabendo dum navio que ia zarpar para as costas da África, nele embarquei.

Que viagem! Navegando entre as Canárias e as costas africanas, fomos assaltados, de madrugadinha, por um pirata de Salé, turco sem entranhas, que, a todo pano, nos perseguiu e, depois de duro e feio combate, nos aprisionou, vendendo-nos como escravos.

Tal mudança - de homem livre a escravo - encheu-me do mais amargo desespero. Lembrei-me das proféticas palavras de meu pai, segundo as quais, na miséria, ninguém haveria de ter para consolar-me.

Por dois anos, vivi um vida horrorosa, padecendo física e moralmente. Dum primeiro senhor, passei a um segundo, o qual, tendo-me levado para sua casa, me pôs a tratar da terra, dum jardim, e a fazer serviços de casa, coisas que competiam a mulheres.

Tinha um navio e, certa feita, deu-lhe na veneta de mandar-me dormir no seu camarote, para que tomasse conta do barco. A bordo, não pensava noutra coisa senão em

escapar, fugir para bem longe, recuperar a liberdade.

Um dia, afinal, consegui. Desde algum tempo, meu patrão, por falta de dinheiro, saía várias vezes por dia a pescar. Passou a levar-me consigo e, assim, durante uma calmaria, depois da qual, repentinamente, levantou-se espessíssimo nevoeiro, não perdi a oportunidade.

Atirei-me às águas e me fui. Durante o dia, passava o tempo escondido, ora numa cova, ora numa grota, num cerrado ou mata, donde saía à noite, cheio de medo e todo sobressaltado, como um foragido.

Após penosas marchas, com fome, com sede e todo alquebrado, os pés feridos, encontrei homens generosos, que me deram lugar numa embarcação que demandava o Brasil, com várias escalas intermediárias. Em vista de minha situação, que era precária, estipularam-me um soldo, que não era nada mau, em troca de serviços que faria a bordo e, depois, em terra, quando chegássemos ao destino.

A viagem para o Brasil foi boa. Tranqüila, sem novidades. A única, por toda a vida, de que pude gozar um pouco, verdadeiramente, e encantar-me com as belezas e singularidades deste mundo.
Quando chegamos, pusemo-nos a trabalhar em canaviais e a tratar do fabrico do açúcar. A vida passou a correr gostosamente. Tendo conseguido cartas de naturalização, dessa maneira podendo trazer de Londres algum dinheiro que lá ficara, fui, aos poucos melhorando de vida.

Logo, mais depressa do que esperava, fui adquirindo terras, que ainda não tinham proprietários, e nelas fui plantando. Terras ótimas, deram-me ótimas colheitas - e o meu dinheirinho foi aumentando. Em breve, associei-me a vários e retos cidadãos.

Um português de Lisboa, mas de pais ingleses, chamado Wells, era nosso vizinho, e os seus negócios iam na mesma toada dos meus. Um dia, com outros dois proprietários de terras, veio procurar-me, para me propor um negócio, e aos meus sócios.

- Tu sabes - disse-me Wells, - o teu problema, o meu, o dos nossos amigos, é a falta de braços. Sei que posso confiar em ti, por isso, vim com estes companheiros, para um segredo. Às escondidas' do governo, é claro, estamos com idéia de armar um navio para tratar de conseguir escravos negros, na Guiné, que, de volta, desembarcaremos secretamente. Que me dizes? Será um achado para a nossa lavoura, e tudo teremos triplicado.

Pensei, por uns momentos, e afinal, acabei concordando em aliarem a eles, já que, com um número maior de braços, melhor iriam os negócios.
E assim, equipado o navio, feito já todo o carregamento, zarpamos, para minha desventura, com bom vento, a 1O de setembro de 1659, data do meu embarque em HulI, muitos anos atrás. Os meus sócios ficaram a zelar pelos negócios.

O navio que nos levava tinha cerca de cento e vinte toneladas, seis canhões e catorze homens, mais o capitão e um grumete. Nos primeiros dias de viagem, tudo correu maravilhosamente. No décimo-segundo dia, porém, ali pelas duas horas da tarde, estávamos a sete graus e vinte e dois minutos de latitude setentrional, levantou-se violento temporal, vindo de sudeste.

O céu turbou-se, enegreceu-se todo, como se fora noite, o vento virou para noroeste, acabou por fixar-se nordeste, e, assim, por muitos dias, outra coisa não fizemos, apavo-

rados, senão garrar e garrar, obedecendo ao furor da ventania, com o barco judiado e a fazer água.

Depois de muita luta, conseguimos mudar de rumo, e lá fomos nor-noroeste, para que pudéssemos alcançar algumas das ilhas habitadas por ingleses. O vento, a pouco e pouco, foi caindo, até que desapareceu, a calma voltou e pudemos, aliviados, fazer os reparos que, em alto mar, era possível levar a efeito.

Todavia, estava escrito que aquela viagem deveria terminar desastradamente. Um dos homens, numa fria manhã, gritou, apontando para a proa:

- Terra!

Todos corremos a olhar. Não sabíamos onde estávamos, nem para que plagas fôramos levados. O que avistávamos, aflitos, era ilha? Era continente? Olhávamos, uns para os outros, mudos, quando um vento, a princípio muito fraco, depois mais forte e morno, principiou a agitar as águas.

Num instante, aumentando sempre e sempre, fez-se tão violento, as vagas tão impetuosas, que, era certo, em minutos iriam cobrir-nos. Consternados, como se não bastassem os males todos, a má sorte que, na borrasca anterior, nos desviara tanto, eis que, com uma forte guinada, que lhe soergueu a proa, o barco, rangendo, foi encalhar num banco de areia.

A ventania cresceu. As vagas, como terríveis montanhas, despejavam-se de todos os lados, ameaçando-nos a vida.

A maneira como encalhou o navio, por demais enfiado na areia, fazia-nos ver que tudo estava perdido. E, antes que fosse tarde, tratamos de lançar um escaler às águas, para

safar-nos da embarcação condenada. Depois de muito custo, conseguimos jogar o pesado escaler ao mar, e, com grande dificuldade, fomo-nos aboletando por toda a sua extensão, a rogar a Deus que nos guiasse, misericordioso, dentro de todo aquele pandemônio.

Pusemo-nos, então, a remar, com todas as forças, na direção em que, julgávamos, estivesse a terra que avistáramos e que o negror da tempestade encobria.

Pobres dos homens, quando em desespero! Buscando a terra, não íamos de encontro à morte? Sim, porque, furiosos como estavam o vento e o mar, assim que chegássemos perto da costa, tudo se espedaçaria. Então, rezando e remando, remando e rezando, rogamos a Deus, do fundo da alma, para que tivesse piedade de nós.

Senão quando, uma vasta vaga terrível quebrou-se à popa do escaler, desabou por cima de todos, transidos, e virou o barco, nem nos dando tempo de gritar, pedindo socorro a Deus Nosso Senhor. Tragados, fomos separados.

Atirado por todos os lados, o que me restava fazer era suster a respiração e manter-me, sempre que possível, à tona.

Eu ia e vinha, girando e regirando, até que, não mais me sustentando, num baque mais forte das águas, quase perdi os sentidos. Felizmente, foi por um só instantezinho, porque, tendo avistado um rochedo à minha frente e vendo que as águas para ele me levavam, criei alma nova, recobrei o fôlego pude, desesperadamente, agarrar-me a algo bem sólido.

Quando as águas recuaram, avancei mais para terra, até

que, cambaleando, caí de bruços na areia encharcada e tudo ao meu redor se apagou.

No navio encalhado

QUANDO tornei a mim, o sol escaldava. Estava tonto e fraco, mas gritei:

- Deus piedoso! Como é possível estar eu aqui, vivo, em terra?

Consolado pelo pensamento de que não devia lamuriar-me, porque vivo, reanimei-me. E os pensamentos voltaram-se para os meus camaradas. Onde estariam? Viveriam? Percorri grande extensão da praia e não encontrei viva alma. E à medida que ia o tempo passando, fui-me compenetrando de que apenas eu sobrevivera à tormenta.

Minha situação era terrível. Esfomeado, que comeria? Sem armas, como defender-me de animais ferozes, que, por certo, aquelas plagas abrigariam, tão selvagens se apresentavam? Apenas uma faca me viera presa à cinta. A bem dizer, o que possuía, era um pouco de fumo, que trouxera numa caixa.

Praticamente sem nada, invadiu-me tal angústia, e tão desesperado me senti, que, como um louco, dei de correr, como barata tonta, dum lado para outro, sem saber o que fazer, até que, a soluçar perdidamente, caí por terra e lá me deixei ficar, sob o peso da desgraça.

Quanto tempo assim permaneci, não o sei exatamente, mas, quando mais calmo, levantei-me, percebi que a noite não tardaria. Então, sem saber onde poderia abrigar-me da escuridão e dos animais daquelas brenhas, pus-me à cata dalguma árvore, para, trepado nos seus galhos, espe-

rar o dia.
Antes, porém, procurei e encontrei um regato, de águas muito límpidas, nele matei a minha sede, e fui empoleirar-me, numa alta árvore, acomodando-me o melhor possível numa forquilha, de modo que não caísse, se conseguisse dormir.

Exausto como estava, adormeci profundamente. Quando acordei, brilhava já o sol e bandos e bandos de aves, grandes e miúdas, grasnavam e cantavam no céu e na terra.

Com o corpo doloridíssimo, da noite passada numa forquilha, foi-me um sacrifício descer do meu poleiro. Estava um dia lindo, claro e sereno, e o mar tranqüilo.

Uma grata surpresa aguardava-me. Com a maré cheia, o navio encalhado escapulira da prisão, onde se prendera, e, tendo garrado, fora, de novo, fixar-se perto do rochedo em que me salvara, mais ou menos perto da costa.

Outra surpresa, que teve o condão de fazer-me sorrir, foi a descoberta do escaler, que o vento e a maré haviam lançado à praia. Como entre mim e ele surgia um vasto braço de mar, coisa- duma boa meia milha, lá o deixei, e, despindo minhas roupas, atirei-me às águas, nadando para o navio.

Volteei o casco e descobri uma corda que pendia da proa. Agarrei-me a ela e, marinhando costado acima, fui saltar no castelo de proa.

O navio estava arrombado, com muita água no porão, mas, na sua maior parte, tudo estava seco. Seca toda a provisão de boca, na despensa, seca toda a rouparia, toda a pólvora que trouxéramos.

Morto de fome, tomei duma mala cheia de bolachas e, enquanto a tudo inventariava, ia comendo com deleite. No camarote do capitão, encontrei vinho, do qual bebi um copo, coisa que me entonteceu, mas logo me encheu de calor e me reconfortou extremamente.

Pus-me, então, com calma, a estudar um meio de a tudo o que fosse útil levar para terra. Com a madeira que encontrei a bordo, mastros de joanetes e mais peças, que não eram demasiadamente pesadas, resolvi fazer uma jangada, e, uma vez a boiar, nela fui metendo tudo aquilo que me seria sumamente precioso: tábuas, pão, arroz, queijos, pedaços de carne seca, garrafas de águas medicinais, de rum, o ferramentas do baú do carpinteiro, o que era um tesouro mais valioso então do que um navio cheio de ouro ou de prata.

E duas espingardas e duas pistolas, três barris de pólvora, um saco de chumbo, duas espadas meio enferrujadas, várias bolsas, a tudo amontoei na jangada.

Quando terminei, estava exausto. Exausto mais feliz. E tratei de alcançar, na praia, um ponto em que o desembarque me fosse propício, o que, graças a Deus, encontrei e pude operar bem, embora com muito trabalho.

Aquela terra, perguntava-me, pertencia a continente? Era ilha? Seria habitada? No caso afirmativo, que espécie de gente? Selvagem?

Aflito, desejoso de conhecer a ilha real situação, tratei de pôr a salvo tudo aquilo que comigo trouxera e, tendo avistado, ao longe, uma alta montanha, peguei duma das espingardas, meti pólvora e chumbo em duas bolsas, para levar a tiracolo, e iniciei a caminhada no rumo da elevação.

Quando, do topo, lancei uma vista de olhos ao horizonte, girando vagarosamente e, quão triste o meu destino, reconheci que estava numa ilha, a visão não alcançando nem sequer uma sombra, muito, muito ao longe, que desse qual. quer idéia de outras terras afastadas, ilhas ou ilhotas, suspirei.

A ilha não era cultivada. Então, jazia desabitada, nela vivendo apenas animais e aves. Quanto a feras, sequer vira uma única, e aquilo me tranqüilizava.

Quando descia, vi um grande pássaro pousado no galho duma árvore, e disparei a espingarda. Imediatamente, de todos os lados, bandos e bandos infindos de passarinhos, de várias espécies, que jamais vira, com grande ruído de pios e grasnidos, levantaram vôo, numa nuvem, e foram buscar o outro lado da ilha.

O que alvejara era uma espécie de gavião, de bico adunco, sem esporão nem garra, de carne escura e dura, que cheirava fortemente e, pois, não se prestava para a alimentação.

Para passar aquela noite, fiz uma como cabana, com a madeira que trouxera do navio, e, enquanto a ia levantando, ia já pensando numa segunda visita ao barco, que muita coisa útil ainda lá havia.

Com efeito, consegui pregos, agulhas, verrumas, vários machados, uma pedra de amolar, alavancas de ferro, dois barris de balas, mosquetes, espingardas de caça, mais pólvora e chumbo, roupas, um bom catre, um colchão e ótimos cobertores.

Fiz inúmeras viagens ao navio, dele tirando quase tudo. Mais rum, e aguardente, e bolachas, e açúcar, e farinha.

Havia já treze dias que me encontrava na ilha, e, tendo ido, mais uma vez, ao barco encalhado, nele encontrara navalhas, tesouras, facas, colheres, garfos e um bauzinho com muitas libras esterlinas, moedas de ouro e de prata, européias e brasileiras.

- Ô metal impostor! - exclamei. - Para que me serves? Uma só destas facas é muitíssimo mais preciosa do que os tesouros todos do mundo!

Contudo, ao dinheiro, levei-o comigo, para terra.

Estabelecimento na ilha

O navio, com o tempo, foi-se desmantelando pouco a pouco, e os seus destroços, hoje aqui, amanhã ali, foram na praia, e de nada me serviram.

Uma única preocupação me perseguia, agora, dia e noite: viver em segurança, para escapar dos selvagens que talvez habitassem a terra. E ficava a pensar, parafusando sobre que tipo de casa haveria de fazer. Abrir uma cova? Levantar uma cabana?

O lugar mais indicado era perto de água doce, num sítio que fosse seco e saudável, de preferência com vistas para o mar, porque, se Deus misericordioso assim o desejasse, surgindo um barco à minha frente, teria oportunidade de atrair-lhe a atenção, e, então, seria a liberdade.

Quando pensava nisso, um misto de doçura e amargara me invadia todo. Quando seria esse dia?

Optei por uma colina que me pareceu reunir todos os requisitos, e ali, suando e gemendo, construi a minha primei-

ra casa, ao pé dum rochedo, que era como uma vasta muralha, onde se tinha a impressão de que havia uma entrada subterrânea, tal o declive do terreno.

À frente da casa que ergui, levantei uma forte e alta paliçada, num semi círculo, de modo que o rochedo, defendendo-me, completava o círculo.

Foi um trabalho duro, que me desgastou seriamente, mas estava satisfeito, porque a obra me pareceu tão forte que não havia o que a deitasse por terra.

Para entrar na casa (não havia porta), subia-se por uma escada apoiada à paliçada, escada que, uma vez em cima da fortificação, eu retirava, passando-a para dentro.

Perdoem-me os leitores se eu, no meu orgulho, chamo de casa o que, em verdade, não passava dum barracão ou duma tenda ao lado dum buraco, mas, quando, sozinho, se levanta o que quer que seja, a obra se nos afigura tão grande e tão sólida que não se pode conter o júbilo, e o que e pequeno se torna muito grande.

Levei para casa tudo o que tinha, e então, verdadeiramente, naquela terra, dormi o primeiro Sono sossegado. Sabia que estava seguro.

Aos poucos, fui completando a minha obra. O rochedo, num certo ponto, meio cavado, era como um princípio de caverna, e aquilo me deu uma idéia: escavando-o, abri um rombo bastante amplo, o que passou a ser o meu celeiro, adega e cozinha.

Estabelecido, tratei de fazer incursões pela ilha, para caçar e para melhor investigá-la. Durante a construção de minha casa, saía somente pelas imediações, para abater uma ave

ou um coelho, para o meu almoço ou jantar, de modo que, ao me aventurar para mais longe, deparei, numa clara manhã de céu muito azul, numa elevação, com um bando de cabritos monteses.

Foi uma alegria, mas uma alegria que durou muito pouco, porque os animais, ariscos, Selvagens e ligeiros, não me permitiram a aproximação.

Um belo dia, porém, topei com uma cabra a pastar. Tão fácil então, para um tiro, não titubeei. Apontei a espingarda e disparei. O animal, com um salto, caiu, fulminado. Só então percebi que, a seu lado, um cabritinho, ainda de mama, se espaventou. Deu dois ou três pinotes, mas não arredou pé, ficando firme ao lado da mãe.

Aquilo me encheu o coração de tristeza, mas, o que fora feito, feito estava. De mansinho, acheguei-me do pequenino órfão, e, sem dificuldade, agarrei-o, levando-o comigo, mais a cabra abatida.

Perdida a mãe, ficou o pobre tristonho, sem comer nem beber, de maneira que, pouco depois, com muita pena, tive que o matar.

O tempo foi coisa que me preocupou, naquele ermo. Para não me perder em confusões, levantei perto da praia uma alta cruz, e nos braços inscrevi:

“Aqui aportei a 30 de setembro de 1659”.
E no poste mareava cada dia um risco, a faca, e passando sete dias, fazia um risco maior, Todos os primeiros dias do mês, um outro maior ainda, assim obtendo o meu calendário, com as semanas, os meses e os anos.

Quando pensava no tempo que ainda devia permanecer

naquela ilha coisa que só Deus sabia - uma grande tristeza me invadia, e então me punha a chorar, como criança, perdidamente. E me perguntava, de olhos a arder:

- Que será de mim? Que será de mim?

Um dia, numa das depressões pelas quais passava, ao formular aquela pergunta, penso que Deus, bondoso, apiedou-se de minha miséria, e, nem bem acabara de repetir aquela lamúria, ouvi-me a balbuciar:

- Que seria feito sem as armas e tudo o mais, que trouxe do navio?

Isto me consolou profundamente. Encheu-me duma calma como havia tempos não experimentava.

Com efeito, sem as espingardas, ferramentas e tudo que possuía, não estaria em piores condições? Não conseguia, assim, com relativa facilidade, tudo aquilo de que necessitava para viver?

Devo observar que, entre as coisas que trouxera do barco, contava com a minha Bíblia, com pena, tinta e papel, dois gatos e um cão. Aos dois bichanos, levei-os comigo para terra. Quanto ao cão, deixou o navio e veio ter comigo, assim que fizera a primeira viagem com a jangada, cão que me foi um grande e fiel amigo, que não me largava um só instante e ao qual me afeiçoei profundamente.

Terminada a minha casa, vi que lhe faltava muita coisa. Mesa e cadeiras eram as mais necessárias. Sem elas, como escrever à vontade?

Aplicadamente, meti mãos à obra, e fiz muita coisa que me foi de inestimável utilidade, com a madeira que comigo trou-

xera do navio que já se fora. E prateleiras, e cabides, e banquinhos, que me enriqueceram a casa e me deram muita satisfação.

Estabelecido, dono de móveis, senti-me mais feliz, e comecei a pensar num diário, que levei avante enquanto me durou a tinta.

O tremor de terra

Um candeeiro era coisa que me fazia grande falta. Apenas escurecia, via-me obrigado a buscar a cama, ali pelas, sete horas, de modo que, um dia, fiquei a pensar seriamente na resolução daquele problema. Resolvi-o mais ou menos: quando matava uma cabra, armazenava-lhe o cebo, e com uma comprida mecha, tecida com fio de carretel, e uma palmatória, que fizera moldando um bom barro liguento, supri a minha necessidade de luz; luz não muito viva, meio, sombria e fumacenta, mas, em todo caso, luz.

Minha casa, com trabalho duro, foi melhorando. Um dia, vasculhando isto e aquilo, para pôr tudo em ordem, descobri um saco, onde havia grãos que os ratos roeram. Como dele precisasse, para guardar pólvora, fui sacudir, perto do rochedo, ao lado da casa, o farelo que o enchia. Era pouco antes da estação chuvosa, e, certa manhã, descobri, pelo chão, algumas hastezinhas, que, com o tempo, foram crescendo, viçosas.

Qual não foi o meu espanto quando, mais tarde, percebi espigas, baloiçando ao vento, suavemente. Que satisfação! Era trigo! E ali, de mistura, pezinhos de arroz!

Certo de que Deus era bom para mim, dirigi-lhe sentida prece de gratidão.

Colhidos, quando maduros, o trigo e o arroz, reservei-os para semear, na estação própria, e assim vi-me grandemente enriquecido.

Meu tempo era dividido. Prescrevi-me uma rega que cumpria religiosamente. De manhã, saía com a espingarda, por duas ou três horas, se não estivesse chovendo. De volta, com alguma caça, preparava-se e ia trabalhar no aperfeiçoamento de minha casa. Pelo meio-dia, com o sol a pino, almoçava o que tivesse, dado por Deus, depois do quê ia deitar-me, dormindo, com o calor, até as duas horas.

De novo de pé, voltava a trabalhar, até a tarde. Não só caçava, como também pescava, de modo que, quase sempre, salvo um dia menos feliz, tinha carne de aves, de animais, ou de peixes à minha mesa. Assim, economizando a bolacha do navio, que guardava muito bem fechada, numa caixa.

Uma tarde, depois da sesta habitual, pus-me a trabalhar umas prateleiras, onde pudesse ter o mais necessário ao alcance da mão. Senão quando, sinto algo esquisito, como se não me pudesse manter de pé. Fiquei aterrorizado. Que se passava comigo? Percebi, então, que a terra tremia, abalava-se terrivelmente.

Cheio de medo, receoso de que tudo viesse abaixo, escoras que pusera aqui e ali, larguei o que 'tinha nas mãos e entrei a correr, em direção da estacada, galgando a escada com grande rapidez. Duas escoras estalaram em minha casa, sinistramente. Assim que alcancei o outro lado da paliçada, senti ainda a terra a tremer debaixo dos pés, com mais, furor.

- Meu Deus! - exclamei. - Que irá acontecer-me?

Por três vezes, o terreno tremeu, de acelerar-me o coração e de me encher a alma dos mais negros prenúncios.

Um grande rochedo, situado a mais ou menos meia milha de casa, ruiu com grande estardalhaço, levantando espessa nuvem de pó, e o eco, como um feio trovão, mais me espantou e descontrolou o coração já bastante espinoteado.

O mar, então, a pouco e pouco, foi-se agitando, e altos vagalhões foram-se sucedendo, cada qual mais pavoroso.

Nunca, em toda a minha vida, vira semelhante fenômeno, e o pavor que me ia invadindo a alma fazia com que o sangue se me gelasse nas veias. Quando percebi, caíra de joelhos e dirigia-me ao Criador, que tinha sido tão bondoso comigo, deixando escapar um grito de angústia, ao ver todo o meu labor em perigo e a minha própria vida suspensa por um fio.

- Senhor - gemi, - tende piedade de mim!

Escurecia. O céu, coberto de nuvens negras, metia medo. Um vento, a princípio fraco, fraco e morno, começou a soprar, e foi aumentando gradativamente, até que se manifestou com toda a sua fúria. Um furacão, como outro nunca até então eu vira, varreu a ilha, literalmente. O mar, branco de espuma, bramia, e vinha encalhar a praia.

Por três horas, a ventania arrancou árvores, deslocou pedras, arrasou a vegetação, depois do que, tendo amainado, entrou a chover.

A queda do vento trouxe-me certo alívio, e, um pouco mais calmo, refleti que, conseqüência natural do vento como a

chuva, grande tremor de terra que sucedera.

Estava encharcado, molhado até os ossos, mas, temendo retornar para o meu abrigo, ali, sob a chuva, ia-me deixando ficar, sem saber que resolução tomar. Afinal, como nada viesse a suceder, animei-me e corri para casa.

Choveu durante toda a noite e uma grande parte do diante. O terremoto e o furacão fizeram grandes estragos em casa e eu tive de trabalhar com muito tudo de novo estivesse em ordem.

Tendo percorrido, melhorado o tempo, parte da ilha, para observar quais os estragos que lhe causara o temporal, assim que cheguei à praia, dei com uma grande tartaruga, a Primeira que via por aquelas rudes paragens.

Encantado, levei-a para, casa, pensando já em fazer uma maior exploração naquela terra e assim ter a oportunidade de descobrir em que ponto viviam. Continha o animal uma grande quantidade de ovos. Como, havia muito, não saboreava outra carne senão a de cabias, coelhos e tartaruga pareceu-me a mais saborosa vara.

A excursão

Depois do temporal, encoberto o céu, a temperatura desceu. Em frio esquisito, que me gelava as costas, os braços e as pernas, insistentemente, não me largou por dois dias.

Ao terceiro, com a cabeça pesada, meio anuviada, principiaram incômodos tremores e os dentes deram de castanholar. Senti-me doente e, durante a noite, não pude dormir. Pela madrugada, alta febre assaltou-me e uma tre-

menda dor de cabeça me pôs alucinado.

Passei muito mal. Saber-me doente, sem que pudesse contar com quem quer que fosse, era-me doloroso. Comecei, então, a rezar, muito fervorosamente, sem cessar, suplicando a Deus que fosse misericordioso e tivesse pena das minhas desventuras.

Dias mais tarde, senti melhoras, e, sem víveres que estava, tomei da espingarda e sai para caçar. Contudo nem bem dera quarenta ou cinqüenta passos e uma vertigem toldou-me a vista.

Cambaleando, de pernas fracas e a suar frio, com dificuldade voltei para casa. À noite, tomado por um febrão que me consumia todo, delirei e delirei, a virar na cama, sem sossego. Nas horas de alívio, punha-me a rezar e a implorar a Deus que tivesse piedade de mim. E dizia, com lágrimas nos olhos:

- Senhor meu! Misericórdia! Vinde em meu socorro, porque sou muito desgraçado!

A pouco e pouco, fui melhorando, até que, de todo, recuperei a saúde. Estava, contudo, muito fraco, já que o meu alimento fora, tão somente, bolacha e água com uma dosezinha de rum. Depois, com alguns ovos de tartaruga, cozidos na brasa, comecei a alimentar-me melhor.

Quando me senti com forças para sair, peguei a espingarda e tive a sorte de abater uma cabra, que, com dificuldade, arrastei para minha casa.

Completamente curado, resolvi levar avante o que estabelecera, antes da doença: excursionar pela ilha em busca da região das tartarugas. Comecei, então, a fazer os prepara-

tivos. Tinha a intenção de seguir pela praia e percorrer, durante toda a manhã, a orla da ilha, saindo de casa ainda pela madrugada.

Mexendo nos meus guardados, dei com a Bíblia. À idéia de que me curara pelas invocações que fizera a Deus, abri o exemplar que tinha nas mãos e, lançando os olhos para o livro aberto, as primeiras palavras que li foram as seguintes:

- "Invoca-me no dia da tua aflição, e eu te livrarei e tu me glorificarás."

Quão aplicáveis eram à minha situação aquelas palavras! Impressionado, decidi que, o mais freqüentemente possível, faria da Bíblia leitura obrigatória.

Havia já dez meses que me encontrava na ilha deserta. A 15 de julho, saí, ainda com o escuro da madrugada, para a caminhada estabelecida.

Todavia, nem bem iniciara a viagem, resolvi seguir o regato que passava perto de casa, curso acima. Tal mudança de planos foi providencial. Depois de ter caminhado uma longa extensão, subindo pela margem, encontrei prados maravilhosos, tão aprazíveis que me vi tentado a mudar de residência.

Encontrei muitos pés de fumo e uma grande quantidade de Plantas que me eram totalmente desconhecidas. E cana-de-açúcar, meio selvagem, por falta de cultura, e melões e uvas, aqueles cobrindo o chão, estas pendendo das parreiras em grandes cachos já maduros, no ponto de serem colhidos.

Foram descobertas maravilhosas. Que alegria, a que então

senti! Ali encerrei a minha excursão e, colhendo de tudo um pouco, voltei para casa, sob um peso tremendo.

No dia seguinte, tornei a voltar e acabei descobrindo, um pouco mais adiante, muitos limoeiros carregados.

Das uvas, obtive passas, coisa que muito me valeu e com o que, de quando em quando, me deliciava.
Tão encantado fiquei com aqueles prados que resolvi ali levantar uma casinha, onde, de vez em vez, passava uma temporada. Considerei-me, então, muito importante, como um homem que tinha duas casas.

Quando as chuvas vieram, encontrava-me bem provido, com a ajuda de Deus. Nas estiadas, saía por perto, a ver se conseguia alguma caça, para que tudo me corresse bem. Durante o longo período, em que chovia torrencialmente e eu me via preso, comecei metodicamente. a ler a Bíblia.

Principiei pelo Novo Testamento e, seriamente, apliquei-me à sua leitura. Quantas consolações interiores eu tive, até então completamente desconhecidas! Que bem me fazia aquela incursão nas Escrituras! Assim, tranqüilamente, passei toda a estação chuvosa em minha casa, à beira do fogo acolhedor, aos meus pés o cão amigo, sempre ao meu lado, os dois gatos a dormitar junto ao borralho, gostosamente.

A grande excursão

TINHA em mente - coisa já de algum tempo - a idéia de conhecer toda a minha ilha deserta.

- Assim que as chuvas cessarem - disse para mim mesmo, - quem sabe, farei uma grande excursão para conhecer uma boa parte desta terra?

Um dia, chegou a vez de satisfazer aquele desejo. Preparei-me com alegria. Tomei dum machado, duma quantidade de pólvora e chumbo, dalguns cachos de passas e dum punhado de bolachas, que meti dentro dum saco, chamei o meu cão e parti, espingarda a tiracolo.

Era um dia lindo, de céu azul e ar puríssimo, as águas do mar muito calmas.

Depois de ter vencido uma alta montanha e ter atravessado todo um grande vale, descobri o mar. Como o dia estava muito claro, vi terra ao longe, bem ao longe, mas não sabia dizer se era continente ou outra ilha, tão distante estava e meio envolta num como nevoeiro.

Por longo tempo, fiquei a olhar aquelas lonjuras, a cismar, a excogitar que lugar seria aquele, enquanto ao meu redor, ensurdecedoramente, ia uma algazarra de chilreios, grasnidos, pios e cantos de aves.

Vi inúmeros papagaios, e o desejo de apanhar um deles, para domesticar e ensinar a falar, levou-me a pensar na melhor maneira de fazê-lo. Passei um tempão procurando acertar um meio, indo daqui para ali, até que, afinal, já meio irado, consegui agarrar um filhote, que derrubei com uma bordoada, o único jeito que então se me deparou.

Passou-se muito tempo sem que eu, embora me empenhasse, pudesse pô-lo a falar, mas, um dia, com satisfação, vi recompensado o meu esforço: o papagaio, com aquele seu jeito de gingar, vira daqui, vira dali, pronunciou muito distintamente o meu nome, que lhe incutira durante anos:

- Robinson! Robinson Crusoé!

Quão esquisito, ali, ouvir outra voz, que não a minha. A casa, então, pareceu-me diferente, muito diferente, mais alegre e cheia de vida.

Mas a grande excursão levou-me a vários lugares verdadeiramente admiráveis, durante alguns dias. Encontrei raposas, lebres, cobras (o que jamais vira pelas minhas bandas), pombos e as célebres tartarugas. Só então percebi como escolhera mal o local da minha morada.

Todavia, por mais encantador que fosse aquele lado e mais povoado de animais e aves, não me mudaria, porque já me acostumara com a minha casa e a paisagem que a rodeava.

Caminhei., depois, ao longo da costa, e penso que tinha já percorrido doze milhas, quando julguei conveniente voltar para casa, cansado que estava de pousar no mato, ora numa caverna, ora sobre árvores.

O meu cão, na jornada de volta, tendo, repentinamente, .topado com um cabritinho, saltou para ele e o agarrou. Corri e apanhei-o, com a intenção de levá-lo comigo, porque, desde algum tempo, acariciava a idéia de formar, num grande cercado, um bom rebanho domesticado, para que dele pudesse servir-me, quando não mais dispusesse de pólvora e chumbo para caçar.

Grande, muito grande, depois daquela ausência, a satisfação que senti ao rever a minha moradia, onde podia descansar o corpo dolorido.

Deixei-me ficar em casa por uma semana, durante a qual pus-me a fabricar uma gaiola para o papagaio, que já fazia parte da família.

Quanto ao cabritinho, bem tratado e acariciado, em pouco tempo tornou-se tão manso, tão amigo, que nunca deixou de seguir-me, como um cachorro segue o dono.

Ia, assim, levando a vida, cercado dos meus amiguinhos, e o tempo escoando-se, na paz do Senhor.

Com o correr dos dias, fui-me aperfeiçoando naquilo que jamais pensara pudesse fazer: tornei-me bom carpinteiro, um razoável cultivador, ceifeiro, oleiro, cesteiro, moleiro, padeiro. Durante o mês de novembro colhi cevada e arroz, cuja cultura defendera dos animais e das aves, não sem grandes canseiras.
As espadas vindas do navio serviram-me de foices. Que dificuldades encontrei para tudo! Semear, colher, debulhar, moer o grão, peneirá-lo, amassá-lo, que luta foi!

Tempos atrás, desejara eu fabricar utensílios de barro, dos quais tinha grande necessidade. Tendo encontrado argila, não muito distante de casa, procurei fazer algumas vasilhas, cozidas ao fogo. Fiz algumas, mas tão grosseiras e desajeitadas me saíram que dava dó vê-las. Contudo, eram úteis, e o de que necessitava era de utilidade e não de beleza. Tive, assim, onde guardar o meu arroz, o meu trigo e a minha cevada.

Mais animado, fabriquei pratos, tigelas, travessas, terrinas, potes e bilhas. E, satisfeito, ia vivendo alegremente, completamente afeito àquela solitária vida na ilha deserta. Minha casa, aos poucos, fora-se enchendo de coisas, de riquezas.

Não podia queixar-me. Possuía fogão, forno, utensílios de barro, sem falar nas coisas que me eram necessárias para o trabalho da terra. Enxada, por exemplo. Como cavar a

terra, sem enxada? Foi muito trabalhoso consegui-la, e para tê-la a meu serviço, gastei para mais de uma semana, saindo-me, assim mesmo, um instrumento deveras grosseiro.

O barco

ÁQUELA terra que avistara, muito ao longe, por ocasião da grande excursão que fizera pela ilha, não me saía da cabeça. Um grande desejo de visitá-la, aguilhoava-me sempre e sempre, sem cessar. Ciente de que habitava uma ilha deserta, se conseguisse alcançar aquela terra, que uma coisa me dizia ser povoada, teria resolvido o meu problema, vendo-me, assim, livre de tão miserável situação. Só então é que ocorreu dar uma vista de olhos no escaler do navio, que depois da borrasca e do naufrágio fora dar na praia.

Se assim pensei, melhor o fiz. Fui vê-lo, e o encontrei mais afastado ainda, virado de quilha para o ar, todo cheio de rombos. Cocei a cabeça, de testa enrugada. Sozinho, sem ninguém que me auxiliasse, impossível movê-lo onde estava. Mas não desanimei. Acostumado como estava, a solucionar os meus problemas, saí dali e rumei para as matas, onde passei a escolher um bom tronco, resolvido a construir um barco, que me levasse para a civilização.

Áspero serviço, aquele de derrubar a árvore escolhida, um belo cedro, dos seus dez palmos de diâmetro. Duas semanas lá se foram, no triste mister. Sim, triste, e bem triste, como adiante se verá.

Em terra a tora necessária, principiei a trabalhá-la a machado e a fogo. Suava em bicas, mas, à idéia de que ali, talvez, estivesse a minha salvação, animava-me a prosseguir, sempre com grande entusiasmo.

Quando me assaltavam tristes pensamentos, tão rude era trabalho, exclamava bem alto, para afugentar o pessimismo:

- Vamos! Vamos! Nada de nuvens negras! Está chegando a hora da libertação! Para a frente!

Foram três meses de rude batalhar, mas consegui uma ótima canoa, bem grande, bastante espaçosa para levar vinte e tantos homens no seu interior.
Uma alegria imensa me invadiu a alma, alegria que, muito breve, se dissipou. Tudo correra otimamente, mas, agora, apresentava-se-me um problema de difícil solução, coisa que, no afã de abater a árvore e trabalhar o barco, estivera bem longe de mim.

Na ânsia de construir o que pensava ser o meu salvador, não me ocorrera uma grande dificuldade. Como levar a pesadíssima canoa até o mar? Construída não longe da praia, dir-se-ia, então, estar a quilômetros e quilômetros de distancia das águas, porque, tendo experimentado todos os meios para mover o meu barco, não o consegui nem mesmo a metade dum centímetro.

De tanto matutar na maneira de deslocar a canoa, tremenda dor de cabeça me assaltou, como jamais igual tivera até então. E gritava, repreendendo-me, asperamente:

- Ô estúpido! Grande pedaço de asno! Por que não pensaste, antes de te meteres a tão ingente trabalho?

Sentei-me na borda da canoa, enterrei o rosto no côncavo das mãos, comprimindo as fontes que me latejavam, e ali me deixei ficar, por longo tempo, desanimado e cheio de amargor, pensando na loucura que me tomara, ao levar

avante uma coisa antes de ter calculado todas as dificuldades.

Afinal, deixei todo o labor de meses, e me fui, abatido e todo pessimismo, para casa.

Passada a grande dor de cabeça, com ela também se foi o meu azedume. Ao invés de agradecer a Deus, que até então me vinha provendo, tão bondosamente, que fizera eu, porque uma empresa me saíra mal? Recriminara-me e me exaltara, sem que nenhum proveito daquilo me adviesse.

Não tinha nada a desejar. Não possuía tudo? Não era o senhor da ilha? Se quisesse, não podia dar-me o título de rei ou de imperador? Quem mo contestaria? Não tinha rival, nem competidor algum.

Nada me faltava do que era necessário à minha conservação. Assim, levava vida suave, muito mais amena e feliz do que no começo. Então, em lugar de me deixar levar pelo desespero, se algo errado me sucedesse, antes devia dar graças aos céus por ainda estar vivo, e pensar, isto sim, naquilo que me ia findando.

A minha roupa, por exemplo, começava a desfazer-se, de modo que tinha necessidade de renovar o meu guarda. roupa. Como alfaiate, não passava dum remendão, e dos piores, mas, depois de muito trabalho, consegui roupas de peles, dos animais que ia abatendo. Fiz um gorro, em primeiro lugar. Não saiu nada bonito, mas cumpria o seu papel, e era o que mais me interessava. Em seguida, cosi dois casacos e algumas calças.

Havia já algum tempo que vinha pensando em fazer um guarda-chuva, que me defendesse do sol e do mau tempo. No Brasil, onde era muito usado, vira a sua fabricação, e,

assim, experimentei construir um deles. Essa tarefa, contudo, foi-mo deveras custosa, e só depois de muito tempo e muita paciência consegui terminar um.

Mas, ai! Era muito fácil tê-lo armado, mas não havia meios de fechá-lo, de modo que devia trá-lo sempre aberto sobre a cabeça. Afinal, depois de muito custo, consegui fabricar outro, que não ficou nada mau e que correspondia às minhas necessidades. Podia, então, enfrentar o sol e as chuvas.

Abria e fechava muito gostosamente, de modo que, com grande orgulho, a passeio, quando dele não precisava, metia-o debaixo do braço, ou, então, com ademanes, ia floreando-o, como um perfeito aristocrata.

Foi, assim, tranqüilizando-se o meu espírito, que a alegria de viver tomou conta da minha alma que cantava.

Um passeio no mar

Foi o tempo passando. Resignado à vontade de Deus, cinco anos transcorreram, e tantas coisas realizei que, voltando os olhos para trás, não acreditava tê-las feito, tão fantásticas se me afiguravam.

Ia vivendo com método. A minha principal ocupação, além de semear, de secar as uvas e de ir à caça, foi, com muita calma e com tudo muito bem calculado, construir um barco, então de pequenas proporções.

Quando o terminei, abri um canal e fi-lo, deslizar até o mar. Quanto ao primeiro, enorme e pesadão, jamais pude utilizá-lo, nem mesmo um canal tão largo e tão profundo me fora possível levar avante, para que pudesse movê-lo do lugar

em que se encontrava.

Não tinha pretensões, com este pequeno barco, de ir em busca da distante terra vislumbrada ao longe, mas com ele faria a volta à ilha.

Um dia, tudo pronto, bem provido de víveres, icei as velas e lá me fui, de guarda-chuva espetado à popa, para viajar à sombra, no meu cruzeiro. Era a seis de novembro e estava no meu sexto ano de reinado, ou de prisioneiro - escolha o leitor o que melhor lhe parecer.

A ilha não era muito grande. A leste havia uma série de rochedos que avançavam, cerca de duas léguas, mar adentro, uns elevando-se acima das águas, outros, muito numerosos, traiçoeiramente escondidos no seu seio.

Quando navegava calmamente, admirando a ilha, cio que, de surpresa, fui colhido por uma forte corrente, da terra para o mar, tão violenta, que em pouco me levou para muito longe, sem que coisa alguma pudesse fazer.

E, velozmente, lá se foi o barco, até que chegou num redemoinho onde, como louco, interminavelmente, ficou a girar sobre si mesmo. Por longos momentos, a todo o instante, julgava chegada a minha hora final. Passado muito tempo, porem, com um bom vento que começou a soprar, consegui libertar-me da embaraçosa situação, e entrei a remar desesperada e rapidamente, a fim de afastar-me de tão perigosos lugares.

Todavia, quando percebi, estava a uma prodigiosa distância da ilha, em alto mar, tão afastado que mal podia distingui-la. Fui, então, assaltado por terríveis pensamentos, que me arrepiavam o corpo todo. E se, de repente, me sobreviesse uma feia tormenta? Consultando o céu, sosseguei.

Estava azul e muito límpido, com algumas nuvens brancas, em fiapos, aqui e ali.

Como são os homens! A ilha, que era a minha prisão, como se me apresentava maravilhosa! Toda a minha felicidade, tudo o que mais desejava, era, agora, longe dela, poder estar na minha casa, o sítio, então, mais delicioso do mundo!

Remando com todas as forças e sem desanimar, consegui, após imensa canseira, encontrar-me entre duas correntes: uma, a que já me referi, que me impelira da terra para o mar, e outra, que se dirigia, em linha reta, do mar para a costa, e que me levou para a salvação.

Tendo chegado, amarrado o barco numa angra oculta entre as árvores, de joelhos beijei aquela terra com muita unção e, tendo depois comido alguma coisa, porque morria de fome, deitei-me à sombra e, num instante, tanta a minha fadiga, adormeci.
Quando despertei, reconheci o lugar em que fora parar. Na angra, que me parecia bastante segura, deixei o barco, e, a pé, encetei a caminhada para casa.

Senão quando, já quase a chegar, ouvi que me chamavam com muita ênfase, com grande insistência:

- Robinson! Robinson! Ó pobre Robinson Crusoé! Onde estiveste, Robinson Crusoé!
Quem diabo seria? Estaquei, perplexo, mas logo sorri, descobrindo o alegre taramelar do meu bom papagaio.

Vivi mais um ano, sossegado e resignado. Quase nada me faltava para ser feliz na ilha - quase, digo, porque a vontade de conversar com um ente humano era grande, grande, muito grande.

Retrato de corpo inteiro

QUEM, na província de York, encontrasse um homem que se vestisse qual me vestia agora, na minha ilha, ou morreria de rir, julgando-o um triste palhaço, ou então, o que seria quase certo, tê-lo-ia na conta dos que possuem um parafuso de menos.

Senão, vejamos: usava um chapéu de copa altíssima, desengonçado, feito de pele de cabra, tendo na parte de trás a metade duma pele de bode, que descia pelo pescoço, e assim o defendia do forte queimar do sol; vestia uma esquisita roupa, também confeccionada de pele de cabra; o casaco, que se me escorregava até abaixo dos joelhos, ocultava parte das calças, largas, muito largas, cortadas de peles de cabra e de bode; o pêlo dessa roupagem toda era tão comprido que descia, como as calças, até as canelas; não tinha meias, nem sapatos, mas arranjara, para cobrir as pernas, um par de botas deveras escalafobético, e o seu aspecto, como toda a minha indumentária, era bastante assustador; no cinturão, ora levava uma espada e uma arma tiracolo, pendiam sacolas de pólvora e de chumbo, e, às vezes. às costas, levava um grande certo, que tecera, e nos ombros as espichado, ora uma serra e um sabre; não se esqueçam do meu guarda-chuva, e assim mo terão os pacientes leitores, de corpo inteiro, queimado do sol, com uns bigodes que, na Inglaterra, teriam parecido bem terríveis, tal o arranjo que lhes dei, meio à maometana.

A medida que o tempo ia passando, mais e mais aperfeiçoava-me nas artes às quais me dedicava, obrigado pelas, necessidades. Trabalhando sem ferramentas apropriadas, tornei-me excelente oleiro. Um dia, cheguei a inventar uma roda, com a qual dei a vários objetos muito rústicos uma forma mais agradável e cômoda para o uso.

Fiz grandes progressos como cesteiro, e em minha casa havia cestos de todos os tamanhos, para guardar isto ou aquilo.

Num pote, até que moldado com alguma arte, tinha água fresca, gostosa e sempre límpida.

Num apartado - o meu curral - estava o meu rebanhozinho de cabras, bodes e cabritos, o que era uma grande despreocupação, pois, quando me terminasse a pólvora, coisa deveras preciosa, que todos os meios, teria eu economizava sistematicamente, por sempre carne.

Eu era o rei, o senhor absoluto de toda a ilha, dono de tudo: das coisas, do meu bom cão, companheiro de todas as horas, já meio velho e quase sempre a dormitar, dos meus gatos, dos meus rebanhos, da minha horta, dos meus pastos.. .

Dizia, sempre muito orgulhoso:

- O meu rebanho, no curral, é para a vida toda, seja-me ela de trinta, quarenta anos. Tenho carne, leite, manteiga e queijo para sempre, basta que não me descuide dos animais.

As cabras, em certas ocasiões, davam-me doze litros de leite por dia. Nunca, até então, mungira vaca ou cabra. Nunca, também, vira a fabricação de queijos ou manteiga.

No entanto, depois dum sem-número de experiências e de malogros, consegui fazer queijos e preparar manteiga, coisas que, daí em diante, sempre tive em grande abundância.

Ninguém, por mais circunspecto que fosse, deixaria de rir

se me visse, ao almoço ou ao jantar, rodeado da minha "família". O papagaio era o favorito, irrequieto, sem parada e tagarela.

O cão ficava à minha direita, a olhar-me com amor; e os gatos, andando por toda a parte, por debaixo da mesa, a miar, estavam sempre a enroscar-se pelas minhas pernas, carinhosamente. Levando, assim, uma vida mais suave, mais feliz do que no princípio.

Quantas vezes, à hora do almoço ou à do jantar, estando a mesa, sentia-me empolgado. Dava, então, humildes ações de graças a Deus Nosso Senhor, por me ter dado tantas coisas, por me ter permitido conseguir alimento no meio do deserto.

Deste modo, sempre, procurei considerar mais o lado bom da minha condição do que o mau. Procurando alegrar-me com o que possuía e não me desesperar com o que não tinha, porque os desgostos que nos avassalam e mortificam, relativamente às coisas que não temos, são todos frutos da falta de reconhecimento pelo que possuímos.

Estava, em verdade, privado de todo intercâmbio com os meus semelhantes, mas, em compensação, nada tinha a temer. Na ilha não havia lobos, nem feras carniceiras ou canibais que me infernizassem a vida.

A necessidade de fazer tantas coisas e a falta tremenda de recursos me teriam feito perder a esperança não fora a certeza de que para tudo existe remédio. Assim, os obstáculos não me desanimaram. Trabalhar, trabalhar, eis a chave que me abriu a porta da salvação.

Possuía as minhas vinhas. Delas eu tirava provisões de uvas para o refresco e delícia.

Distinguia, também, a regularidade das estações, coisa importantíssima. Não me deixava surpreender pelas chuvas nem pelas secas.

Assim, fiquei sabendo que não se podia dividir as estações do ano como se fazia na Europa, em verão e em inverno, mas sim em tempo de chuva e tempo de seca, o que sucedia duas vezes por ano, alternadamente. Isto me valia maravilhosamente, porque fiquei sabendo o momento exato em que se devia semear, cada ano, para conseguir duas colheitas.

Levava vida feliz, calma e sã, mas eis que, daqui para diante, ia passar a um gênero bem diferente de vida, do que até então descrevi.

Um grande susto

Um dia, passeando pela praia, longe de casa, descobri na areia, muito bem impresso, o rasto dum pé humano.

Estaquei, aterrorizado, como se estivesse diante dum horrendo fantasma

Suando frio, a olhar em todas as direções, atentamente a escutar os ruídos todos da ilha, com muita cautela subi uma pequena elevação, para ver se conseguia descobrir alguma coisa.

Nunca, como naquele dia terror algum me assaltou mais vivamente. Com o coração pulsando com violência, estive por longo tempo a vistoriar os meus domínios, tudo em vão.

Desci e busquei a praia, a tudo examinando, mas nada pude descobrir.

Não sabia o que pensar. Teria imaginado coisas?

Tornei ao local em que vira as pegadas, e lá as encontrei, muito nitidamente. Fiquei a olhá-las, por longo tempo, como se não acreditasse no que via. Aterrorizado, como um coelho assustado, corri para casa, olhando para trás a cada passo, tomando por vultos de gente as altas moitas que encontrava.

Ali, meu Deus! Quantas idéias aloucadas, quantos extravagantes pensamentos não me passaram pela imaginação, enquanto voava para o meu abrigo!
Via-me perdido, sentia que me perseguiam, ouvia barulhos de passos, por todos os lados e a todo instante. Todos os familiares ruídos da ilha tornaram-se-me terrificantes e me bambeavam as pernas, enchendo-me o corpo de tremores.

Passei a noite em claro. Não me foi possível, por um minuto sequer, conciliar o sono. As minhas idéias deixavam-me perturbado, e a imaginação, acesa, iluminava quadros terríveis.

Que criaturas haviam deixado impressos na areia da praia os sinais que eram o meu tormento? Decerto selvagens, e selvagens antropófagos, inomináveis comedores de gente, que, vindos daquela distante terra que eu tanto desejava alcançar, aqui teriam aportado. E como, Deus meu9 Trazidos por ventos contrários? Pelas correntes?

Tudo, para mim, eram tristezas e sobressaltos. E de mão postas, dava graças a Deus de, no instante em que na minha ilha estiveram, não me tivessem visto e encontrado,

pois costumeiramente, todos os dias, fazia o meu passeio pela praia.

Então, um grande susto me gelou e me pôs muito tremulo: teriam descoberto o meu barco? Se assim fosse, saberiam da existência de alguém na terra e logo muitos deles viriam buscar-me. Assim sendo, só e miserável, que seria de mim?

Como é a natureza humana!

Antes, sozinho na minha ilha, rodeado do oceano, mergulhado na solidão e afastado do convívio da sociedade, suspirava por um ser da minha espécie, com o qual pudesse conversar e conviver.

Deus meus! Apenas dei com umas pegadas na areia, tremo e me horrorizo, à idéia de ser perseguido pelo homem, pelo ser que anelava, para repartir a pesada solidão.

Desesperava-me, o medo tornava-me outro, quando uma passagem das Escrituras refrigerou-me, como um bálsamo:

- "Invoca-me. - disse eu em altas vozes, - no dia da desgraça, e eu te livrarei, e tu me glorificarás."
Era um grande alívio.

- "Pensa no Senhor, e tem bastante coragem, que Ele te fortificará o coração."

Que grande consolação senti, ouvindo tais palavras da minha própria boca! Quão doces! Como os meus pensamentos se aquietaram! E a ponto de poder raciocinar:

- O motivo do meu receio - disse para mim mesmo, - não,

passa talvez duma quimera. As pegadas, na areia da praia, não serão minhas mesmas, feitas por meus próprios pés?

Meu coração batia apressado, meu rosto queimava:

- Sim, sim! - prossegui para mim mesmo. - Talvez! Assustei-me com os meus próprios pés, com a minha própria sombra!

Cheio de coragem, deixei o meu retiro, recriminando-me pela afoiteza com que julgara a coisa. Não era ridículo?

Dirigi-me à praia. E o meu coração, de novo, ficou todo amargurado, porque as pegadas, que lá ainda estavam, depois de dois dias de reclusão em minha casa, eram bem menores do que as minhas. Estranhos, de fato, estiveram na ilha. Estiveram ou estavam?

Senti-me febril. E arcado como um velho que nada mais pode, voltei para casa, persuadido de que, mais cedo ou mais tarde, haveriam de descobrir-me. E então, só Deus saberia do meu destino, do que seria a minha pobre vida.

O medo levou-me a mais e mais fortificar a minha casa. Antes da triste e perturbadora descoberta na areia da praia, eu saía alegre e despreocupado, ou para o trabalho ou para os meus passeios. Agora, que tristeza vivia atemorizado e só deixava a minha pobre toca quando absolutamente necessário, cheio dum terror mortal.

Eu vivia excitado, a escutar coisas, a assustar-me com os ruídos produzidos pelo vento e pelo mar. Até o piado das aves, às vezes, fazia com que um arrepio me corresse pelo corpo todo e me estatelasse, de olhos arregalados.

Depois de tanta paz, quanta inquietação! Como suspirava

pelos dias tranqüilos e doces!

Não devia pensar assim, eu sei. Devia reagir, ser otimista. E, num esforço, cheio de coragem, deixei o meu retiro. Os meus animais precisavam de mim, principalmente as cabras, cujo leite, da maior parte delas, havia secado. Havia o que fazer, coisas para tratar. Todavia, estava excitado. Continuava temeroso.

Um dia, tendo-me dirigido para o lado ocidental da ilha, pareceu-me ver, ao longe, uma chalupa no mar. Raras vezes saía com o meu óculo de alcance, de modo que, sem ele, naquela oportunidade, nada pude apurar, embora fatigasse os olhos fixando-os tão distantemente, na grande claridade do dia. Assim, fiquei na incerteza se era ou não uma chalupa, o que me levou, desde aquele dia, a nunca mais sair sem o óculo de alcance que, havia anos, trouxera do navio naufragado, quando vinha do Brasil.

Decorridas duas semanas, fiz uma descoberta perturbadora. Ao descer uma colina, encontrei-me num lugar onde nunca estivera, e, num fundão, dei com crânios, mãos pés e outras ossadas, que me encheram de espanto e mais ainda me aterrorizaram a aterrorizada vida. Perto, restos de fogueiras, recentes, eram o patente sinal da presença de antropófagos na ilha.

Uma tontura, seguida de náuseas e dum frio suor, levou-me para longe daquele macabro lugar, a dar graças a Deus, com os olhos cheios d'água, porque o Senhor me fizera nascer numa parte do mundo onde tais abominações não existiam. Era uma coisa horrorosa!

Passara já dezoito anos sem que topasse viva alma naquela ilha. Quantos mais viveria, solitário? A encontrar-me com canibais, me1hor seria morrer.

De alcatéia

Os mais loucos projetos vieram-me à imaginação, para exterminar os selvagens, num dos seus horrendos festins, ou pelo menos para incutir-lhes um grande medo, fazendo com que vissem que, na ilha, um poderoso vingador, afinal, resolvera punir-lhes a hediondez.

No calor da revolta, tudo se me afigurava viável, mas, passada a onda que me avassalava, punha-me a pensar no que poderia fazer, sozinho, contra cinqüenta, sessenta ou mais homens armados de lanças e flechas, de arremessos e tiros tão certeiros como os das nossas armas de fogo.

Arquitetara, duma feita, cavar uma boa mina no lugar em que acendiam as fogueiras e entupi-la com uma grande quantidade de pólvora, a qual, inflamando-se com o calor do fogo a todos os bandidos faria ir pelos ares. Mas qual! Era desperdiçar muita pólvora, que me seria utilíssima e já se acabava.

Estava, assim, tão obcecado com idéias de extermínio que, mesmo as mais absurdas, todas me pareciam ótimas o infalíveis.
Afinal, acabei por fixar-me numa emboscada. Gastei dias à procura dum bom sítio, que encontrei e achei perfeito. Numa pequena eminência, uma árvore grossa e coque me abrigaria completamente, foi o lugar eleito.

Resolvido a levar avante aquela empresa, preparei dois mosquetes e a espingarda de caça. Aprontei todas as pistola; tomei do machado e, levando mais munições, fui empoleirar-me na árvore escolhida, com um bom farnel.

Durante dois meses, todas as manhãs, permaneci de alcatéia na árvore, a perscrutar o mar com o óculos de alcance, sem que novidade alguma quebrasse aquelas solidões. E, com o tempo, fui mudando o modo de pensar, raciocinando:

- Que autoridade tenho eu para tornar-me juiz e carrasco de miseráveis canibais? Que direito tenho de vingança sobre o sangue que derramaram? Que contas pessoais tenho a ajustar com eles?

A pouco e pouco, a minha disposição foi-se esfriando, e, como nada de novo viesse transtornar a vida na ilha, pas. sei a tratar normalmente da minha vida.

Um ano inteiro passou. Nunca mais voltei ao lugar dos festins. Se os selvagens voltaram à ilha, fizeram-no sem que eu o ficasse sabendo. Todavia, quando saía para a caça ou outras necessidades, ia bem armado, pronto para o que desse e viesse, para bem caro vender a minha vida. Mas já não era o mesmo de dantes, despreocupado. Tinha medo de fazer barulho, de pregar um prego, receoso de que tal pudesse atrair a atenção dos selvagens, então nalgum recanto da ilha.

Um dia, temeroso da fumaça que me saía de casa, da cozinha resolvi tratar a lenha e dela obter carvão. Para isto, procurei e encontrei, guiado por Deus, uma caverna de entrada muito bem escondida, onde pude operar livremente. Era uma gruta enorme, e o fogo, crepitando, acendia-lhe as paredes de mil cores.

Precavendo-me sempre e sempre, foi o tempo passando, até que cheguei no meu vigésimo ano de solitário, de todo acostumado ao meu modo de vida.

Certa vez, era em dezembro, tempo da minha colheita, quando então era obrigado a passar quase o dia inteiro no campo, anoitecia, e ainda estava longe de poder deixar o trabalho. De repente, vi luz na praia. O medo de ser surpreendido levou-me, muito silenciosamente, a voltar para casa.

Tendo retirado a escada para dentro, tratei de preparar-me para a defesa. Carreguei todas as pistolas, mosquetes e espingardas e fiquei à espera dos selvagens, que, assim tão perto, não deixariam de encontrar vestígios da minha existência naquelas paragens.

Com o coração aos trancos, a cabeça latejando, e invocando o auxilio do Todo Poderoso, aguardei o inimigo, por duas longas horas, ansioso por saber o que ia pela praia.

O navio espanhol

Para conhecer o que ia pela praia, deixei, cansado e cheio de impaciência, o meu refúgio, e me aventurei a subir ao alto dum rochedo, pouco distante de casa, onde me estiquei de bruços, os óculos de alcance fincados na praia.

Em torno duma fogueira, nove selvagens, nus, estavam acocorados, a papagaiar. Comiam e palravam. E comiam, com toda a certeza, carne humana, coisa que me deu nova reviravolta no estômago, causando-me grande náusea e muito arrepio pelo corpo todo.

Perto, estavam duas canoas, grandes e grosseiramente talhadas, pousadas na areia. Os canibais, a comer e a conversar, pareciam esperar a baixa-mar, para abandonar a minha ilha.

De fato, assim que a maré começou a vasar, entraram nas

embarcações, puseram-se energicamente a remar e partiram.

Apenas vi os intrusos bem ao largo, com muita cautela, dirigi-me ao lugar em que estiveram a banquetear-se, e ali, horripilado e cheio de nojo, descobri macabros restos.

As visitas que os selvagens faziam à ilha deviam ser muito raras, uma vez que, durante quinze meses, não tornaram a aparecer.

Um dia, no mês de maio, violenta tempestade de vento, trovões e relâmpagos, que se prolongou noite adentro, sempre terrível, fustigou, sem chuvas, toda a região.

Em casa, refugiado de tempo tão agressivo, a ler, meditando, a minha Bíblia inseparável, eis que, alvoroçando-me todo e me arrepiando da cabeça aos pés, surpreendeu-me um ruído em tudo semelhante a um tiro de peça, dado no mar.

Durante todos os anos passados naquela solidão, tal surpresa foi a que mais me emocionou, trazendo-me abundantes lágrimas aos olhos.

De lábios trêmulos, levantei-me dum salto, e com a maior rapidez, busquei o alto do rochedo em que, meses atrás, estivera vigiando os selvagens.

A noite estava escuríssima. Ventava terrivelmente, e os relâmpagos e o estrondo dos trovões metiam medo.

Nem bem firmara pé no rochedo, vi um clarão, no mar, e ouvi um estampido: não havia dúvida de que um barco, ao longe, perdido no vendaval, chegara à ilha, decerto arrastado pela corrente e pelo vento.
- Senhor meu! - exclamei, de mãos postas. - Um barco!

Um navio!

Era um navio em perigo. Que podia eu fazer, para socorrê-lo, salvá-lo? Nada! Todavia, se nada podia fazer por ele, ele, certamente, poderia salvar-me a mim, pobre filho de Deus jogado naquela ilha de ninguém.

Num frenesi, entrei a juntar quanto galho seco se esparramava por ali, e, apesar da ventania, consegui acender uma boa fogueira, que não deixaria de ser vista do barco em perigo.

Com efeito, assim sucedeu, porque novo tiro foi dado e ecoou por todas as quebradas, seguido doutro, como a dizer que pelo fogo se norteariam.

Animadíssimo, alimentei a fogueira por toda a noite, e, quando principiou a clarear o dia, vi um grande vulto a uma boa distância, a este da ilha. Era o navio, certamente, mas como a cerração era tão espessa, que não me permitia vê-lo em toda a sua inteireza, não podia distinguir movimentos nem sinal algum de vida

Ventara toda a noite, fortemente, mas, de madrugada, amainara um pouco. Com maus pressentimentos, mas atirando-me totalmente a Deus, exclamei, de pernas bambas, os dedos das mãos duramente entrelaçados:

- Deus permita que estejam todos salvos! Oh, Senhor! Por que não atiram mais?

O mar, aos poucos, foi sossegando, e eu, num crescente desas8ossêgo, ardia por correr, voar ao navio, ao largo.
Afinal, tranqüilas as águas, aventurei-me.

Na praia, estirado, virado de borco, encontrei o cadáver

dum grumete afogado. Era jovem. Bem jovem. Quase um menino. De que nacionalidade era, não pude averiguar. Usava camisa de algodão, listada, e calças de pano branco. Nos bolsos, unicamente, duas moedas de prata e um cachimbo.

Aquele encontro pareceu-me agourento. Meu coração pulsava com violência e um grande amargor enchia-me a boca toda, enjoadamente.
Uma vez no meu barco, remei com toda a energia e, evitando os rochedos, cheguei perto do barco, que parecia espanhol, a julgar pela construção. Estava meio esmagado, entre dois grandes rochedos, a popa arrazada pela violência do mar, o mastro grande quebrado pela base.

Um cão, na ponte, surgiu, a ladrar. Ao ver-me, pôs-se a ganir, a choramingar, como a suplicar que o recolhesse. Quando o chamei, com um assobio e um estalar de dedos, saltou, com ímpeto, para as águas, e eu o recolhi.

Estava, o pobre, morto de fome e de sede. Dei-lhe um pedaço de pão, ao qual engoliu como um lobo que estivesse perdido na neve por muitos dias.

No navio, inicialmente, dei com dois homens afogados num dos camarotes, um abraçado ao outro.

Percorrido todo o barco, a não ser o cão, que deixara na minha embarcação, nada havia vivo no navio, e quase toda a carga me pareceu perdida, submersa.

Tristemente, recolhi o que estava seco e me poderia ser útil, catando coisas aqui e ali, chorando, com grande amargura, tornei ao meu barco e à ilha.

De tudo o que apanhei no navio espanhol naufragado, o

que mais me valeu foi a pólvora. Mas havia coisas valiosas: Muitas latas de biscoitos, dos quais, andava por demais saudoso; boiões de doces; ladrilhos de marmelada; tijolos de rapadura; dois pequeninos barris de rum e inúmeras garrafas de excelente licor; camisas ótimas, finas, e lenços e calças e casacos; pás de forno, tenazes, caldeirões de cobre, uma grelha e um belo bule de folha; e, de todo inúteis para mim, moedas e moedas de prata, que atopetavam um velho baúzinho.

As armas e as munições eram excelentes - e tudo novo.

O cão, belo amigo, que me vinha substituir o primeiro que morrera de velhice e jazia enterrado perto de casa, tornou-se logo muito afeiçoado ao novo dono, seguindo-me a toda parte, muito alegre e carinhoso.

Por uma boa temporada, gozei de grande paz. Vivia tranqüilo - mas acautelado — a trabalhar, a distrair-me, a ler, sempre, a minha Bíblia.

Assim, vivi dois anos, quase feliz, não fora o espírito estar tristemente ocupado com os selvagens e todo cheio de mil o um projetos visando deixar a ilha.

Sexta-feira

Não deixei, um único dia, de perscrutar o mar - e isto por meses e meses. Tal coisa, ao invés de me cansar ou enervar, não fez mais do que inflamar ainda mais o desejo de que estava possuído. Queria, mas queria tanto, encontrar um dos naturais daquela terra distante (porque estava convencido de que vinham daquelas bandas), quanto, tempos atrás, desejara evitá-los, cheio de medo.

Estava, então, com tanta confiança em mim mesmo, que tinha intenção de capturar dois ou três deles - imaginem os leitores! - para melhor pôr em prática o meu intento de abandonar aquela vida de solitário.

Um dia, afinal, pareceu-me que tudo iria realizar-se. De guarda, vi, ao longe, no mar, então calmo e lindamente esverdeado, seis canoas que, ao que tudo indicava, buscavam a minha ilha.

Disse-me:

- Geralmente, cada canoa carrega cinco homens. todas estiverem lotadas, trinta serão os canibais.

Suspirei.

Que possibilidade teria eu? Poderia lutar contra aquele número tão elevado?

Fiquei indeciso, por alguns momentos, quando, então, mil e um problemas me assaltaram; mas depois, dando de ombros e erguendo a cabeça, respirei fundo e decidi preparar-me para o combate.

Estava, naquela altura, na escada, olhando por sobre a paliçada.

Desci alguns degraus, para que não fosse visto, e passei vigiar as canoas a olhar pelas frestas que havia entre um outro pau da estacada.

Quando os selvagens chegaram à praia, vi-os arrancar, duma das canoas, a dois pobres diabos, para fazê-los em pedaços.
Um deles, que ofereceu resistência, caiu logo por terra,

prostrado por uma pancada de grosso porrete.

Sem demora, quatro desalmados lançaram-se sobre a vítima, para despedaçá-la e, ao fogo, tostar-lhe as carnes.

Aproveitando-se daquilo, pois que, momentaneamente, viu-se um tanto em liberdade, o outro prisioneiro entrou a correr com fúria, avançando diretamente para o meu lado.

Fiquei de boca aberta. Estarrecido. Sem movimentos. Estava, então, o meu sonho, tornando-se realidade? Correria tudo como eu sonhara?

Passada a surpresa, procurei acalmar-me. Se o sonho tinha algum sentido sobrenatural, tudo sairia bem. Assim pensando, aos poucos foi-me voltando a tranqüilidade e, com ela, a certeza de que, logo mais, teria o meu companheiro. Sosseguei-me inteiramente.

Três homens apenas deram caça ao fugitivo, que ganhara considerável distância dos seus captores. Calmamente, empunhando a espingarda, no cinto duas pistolas, esperei.

Quando percebi que era chegada a hora de agir, passei rapidamente por cima da paliçada e dei um grande salto para fora. Recompus-me da queda e avancei, com resolução, para os corredores.

Ao que fugia, com gestos, procurei mostrar-me amistoso, incitando-o para que mais corresse e se pusesse atrás de mim.

O pobre, na desfilada, pareceu hesitar, como a pesar perigos, a excogitar sobre se o que tinha pela frente não representaria morte mais desgraçada.
Aturdiu-se, porém, por pouco tempo. Compreendeu que,

de minha parte, nada sofreria, e tudo fez como eu o desejava: redobrou a velocidade, alcançou-me e foi postar-se às minhas costas.

Os captores, que me viram sozinho, diminuíram o ímpeto da corrida apenas por um instante, de lanças erguidas, prontas para entrar em ação.

Avancei para eles, vagarosamente, a passos. Em seguida, lançando-me bruscamente sobre o que vinha na frente, derrubei-o com uma forte coronhada na cabeça.

O segundo, ao ver o companheiro por terra, estacou, o mesmo fazendo o terceiro.

Sempre resolutamente, fui avançando. Um dos selvagens movimentou o braço, ajeitou a lança.
Antes que pudesse atirá-la, dei ao gatilho e derrubei-o.

O outro, com um berro, fazendo meia-volta, tornou para a praia, numa fuga atabalhoada.

O pobre fugitivo, ao qual acabava de salvar a vida, ficou tão aterrado com o fogo e com o estampido que se atirou por terra e, com ambas as mãos, cobriu a cabeça. Imaginava, decerto, que ia ser preso outra vez e morto, como os seus dois inimigos, que jaziam esticados no chão. Tremia e, às vezes, emitia fundos suspiros, não se animando a levantar a cabeça.

Chamei-o uma, duas vezes. Afinal, aventurou-se a olhar-me e, como um cachorrinho, de quatro, correu para mim, beijou o chão, deitou-se aos meus pés, tomou um deles e o colocou sobre a cabeça, como para me fazer ver que sua vida estava em minhas mãos e que me prestava homenagem, como escravo.

Sempre a sorrir-lhe, procurando não fazer movimentos bruscos, para não espantar ao pobre diabo, que estava com os nervos em frangalhos, levantei-o, para animí4o mais e mais.

Urgia, contudo, que saíssemos dali. O tiro poderia ter despertado a atenção dos canibais, de modo que a nossa situação poderia complicar-se.

O escravo, então, fez-me sinal, dando a entender que ia enterrar os nossos dois atacantes, temeroso de que os seus camaradas, encontrando os corpos, pudessem descobrir-nos. Com a cabeça, fiz que sim, que lhes desse sepultura, e num abrir e fechar de olhos, tendo feito, com as mãos - coisa surpreendente — duas covas, nelas enterrou os mortos.

Pensei, então, em correr para casa, ao abrigo dos demais selvagens, mas pensando melhor, resolvi que nos esconderíamos na gruta que descobrira - onde tratara a lenha para fazer carvão - achando que naquele lugar estaríamos mais seguros. E assim foi.

O meu escravo, então mais à vontade, deitou-se, ajeitou-se, ajeitou-se num canto e, exausto, logo adormeceu, confiante.

Jovem, dos seus vinte e cinco anos, tinha um físico privilegiado, todo músculos, que denunciava grande agilidade. Que era ótimo corredor, ` eu o sabia. Tinha cabelos pretos, muito pretos, lisos, escorridos, a pele acobreada. O rosto era arredondado, o nariz bem feito, a boca firme, de lábios finos, os dentes muito brancos.

Meia hora depois de ter adormecido, virou-se, gemendo, o

rosto contraído, e despertou. Despertou assustado, os olhos arregalados. Quando deu comigo, encolheu-se todo, espremendo-se contra a parede.

Logo, porém, caiu em si, achegou-se para mim, tomou-me dum dos pés e, de novo, calcou-o sobre a cabeça.

Compreendi, então, mais do que a primeira vez, que desejava ser meu escravo para sempre, pois trazia o coração verdadeiramente reconhecido.
Quando o levantei, sorriu-me com a brancura sem par dos belos dentes. E falou. Falou! Pronunciou algumas palavras que não entendi.
Oh, Deus meu! Que encanto! Era o primeiro som de voz humana, que não a minha, que estava a ouvir depois de vinte e tantos anos!
Quando deixamos a gruta, não mais havia sinal dos selvagens, de modo que fomos para casa, subindo a paliçada por uni cipó, porque a escada ficara para o lado de dentro.

Meu escravo ficou deslumbrado. Logo, comecei a falar-lhe, e ele, aplicadamente, foi aprendendo. A primeira palavra que lhe ensinei foi o nome que lhe dei: Sexta-Feira.

Sexta-Feira! Sexta-Feira porque relembrava o dia em que velo para mim, de muita felicidade. Oh! Eu tinha, comigo, sempre ao meu lado, um ser humano, com o qual e, conviveria e conversaria. Não estava mais sozinho, rodeado apenas de animais.

Sexta-Feira aprendeu a nomear-me. Chamava-me Meu Senhor.

Depois, ensinei-lhe as palavras sim e não, para que pudesse responder-me, certamente, a propósito disto ou daquilo.

Tratei, então, de vesti-lo. Arranjei-lhe calças de pano, que encontrara no navio espanhol, um casaco de pele de cabra e, como me tornara um alfaiate nada desprezível, fiz-lhe ainda um barrete de pele de lebre.

Sexta-Feira estava encantado, e eu, verdadeiramente, sentia-me muito feliz com a sua felicidade.
Os dias passavam, então, com grande tranqüilidade, com muita doçura, e, se os selvagens me deixassem em paz, não me importaria de ali acabar os meus dias.

Um bom aluno

TINHA agora duas bocas a sustentar, de modo que devia trabalhar com afinco.

Sexta-Feira era moço de muita habilidade e diligência, de maneira que logo entrou a auxiliar-me em tudo aquilo que se fazia necessário para nos entreter a vida.

Aprendeu a bater o trigo e a debulhá-lo. A fazer pão e até cozinhar.

Num instante, fiz com que perdesse o gosto canibalesco, dando-lhe a provar da minha comida e, em seguida, fazendo com que visse quão terrível era alimentar-se de carne humana.

Quando começou a falar o inglês suficientemente, para responder-me a várias perguntas, quis saber coisas da sua terra e da sua gente, o que aqui vai em forma de diálogo.

Robinson:
- Tua gente nunca sai vitoriosa dos combates que empreende?
Sexta-Feira, sorrindo:

- Sim. Sempre lutamos e combatemos melhor.
Robinson:

- Combatem melhor? Como, então, foste aprisionado?

Sexta-Feira:

- Eles eram muito mais. Foi de surpresa.

Robinson:
- E não vieram os teus socorrer-te?

Sexta-Feira:

- Estávamos sós. Pegaram-nos e meteram-nos nas canoas, trazendo-nos para ca já matamos muitos deles. Mil deles. Grande luta. Guerra.
Robinson :

- Mataram muitos, então?

Sexta-Feira:

- Sim, muitos, muitos.

Robinson:

- Que foram comidos?
Sexta-Feira:

- Sim. Comidos. Inteiramente.

Robinson:

- Já estiveste, antes, aqui?

Sexta-Feira:

- Sim. Muitas vezes. última vez, lá.

Apontou o noroeste.

Um dia, quando, a caçar, fomos para aqueles lados, Sexta-Feira reconheceu o lugar onde estivera, e disse:

- Aqui, com irmãos de nação, ajudei a comer vinte homens. Ele, não sabia contar até vinte, mas, colhendo vintepedrinhas do chão, colocou-as todas na areia da praia, pedindo-me para eu as contar.

Diante disto, censurei-o asperamente, mas, depois, arrependido, perguntei-lhe, desviando o assunto:

- Tua terra fica muito longe daqui?

Respondeu-me:
- Lá. Não muito longe.

Perguntei-lhe:

- E as canoas? Não afundam? O mar é calmo?

- Não há perigo - tornou ele. - Um pouco ao largo, todas as manhãs, o vento sopra para cá. De tarde, para lã.

As correntes ajudam.

Fiquei assim sabendo onde estava. Aquele fenômeno era causado pelo grande Rio Orinoco, na foz do qual se encontrava a minha ilha, onde o vento e as correntes eram diretamente opostos, o que favorecia a ida e a volta das embarcações.

Disse-me ainda, Sexta-Feira, o que me excitava sobremaneira, que além, bem além da sua terra, havia homens como eu, brancos e barbados, em grande número.

Perguntei-lhe:

- Como poderia encontrá-los?

Respondeu-me:

- Saindo daqui, em dois barcos.

- Como - retornei, - em dois barcos?

Explicou:

- Um barco pequeno, outro barco pequeno, um barco grande.

Queria ele dizer, ajudado por gestos, que num barco tão grande como dois juntos, seria possível a travessia, até a terra habitada por civilizados.

A conversa causou-me grande satisfação e me alimentou, grandemente, a esperança de, em futuro próximo, deixar a ilha.

Enquanto ia o tempo passando, fui, aos poucos, aplainando a alma do meu servo, nela assentando as bases da religião cristã. E consegui instruí-lo no conhecimento do

verdadeiro Deus.

- Deus - disse-lhe, - é o grande criador de tudo o que existe, o criador do céu e da terra,. e a tudo governa com o mesmo poder e a mesma sabedoria, pelas quais tudo formou.

Sexta-Feira ouvia com atenção, e parecia receber com alegria a Jesus Cristo, Senhor nosso, enviado ao mundo para resgatar-nos.

- Jesus, ensinei ao meu servo, é o Filho de Deus, feito homem. Padeceu, foi crucificado, morto e sepultado para nos salvar. E, depois, ressuscitou, glorioso e triunfante, para nunca mais morrer.
Sexta-Feira, sempre atento, perguntou:

- Que é ressuscitar?

- Ressuscitar quer dizer, no caso, que a alma de Nosso Senhor Jesus se reuniu a seu corpo morto, de novo voltou à vida.

Assim que Sexta-Feira passou a falar um inglês mais ou menos, com o qual podia expressar com maior desenvoltura o pensamento, comecei a narrar-lhe as minhas aventuras. Revelei-lhe o mistério da pólvora e das balas. Dei-lhe, rabiscando na areia, uma noção do continente europeu, falando-lhe mais demoradamente da Inglaterra, minha pátria.

Sexta-Feira era bom aluno. A tudo ouvia com grande atenção, e, como tivesse boa memória, a tudo ia armazenando.

- Meu senhor tem saudade da terra em que nasceu? - per-

guntou-me.

Os olhos encheram-se-me de água.

- Sim, Sexta-Feira, muita!

- Eu também - confessou-me, - eu também, da minha terra, da minha gente. Muito alegre, se pudesse ver minha nação.

- Que faria lá, então? Tornar-te-ias selvagem, de novo, e comerias carne de gente?

Uma sombra passou-lhe pelo semblante. Ficou triste. Replicou:

- Não. Senhor Jesus condena. Sexta-Feira reza todas as noites para Nosso Senhor Jesus, pedindo perdão por ter comido gente. Agora só como pão, carne de animal. Homens, não mais. Nem bebe sangue. Só leite e água.

Eu sorri, abracei-o, dizendo-lhe estar muito satisfeito com o seu progresso e a sua mudança.

Contei-lhe, depois, do grande barco que, com grandes canseiras, fizera, e em vão, porque não pude alijá-lo do lugar onde o construíra. Sexta-Feira quis vê-lo. Levei-o ao local em que jazia, fazia muitos anos. Ele o olhou demoradamente, considerando-o com interesse.
Perguntei-lhe:

- Que tal? Achas que com um desse tamanho poderemos alcançar o outro lado, as terras dos homens brancos?
- Sim - respondeu-me.

Deixamos o velho barco, já meio apodrecido, e fomos à

cata duma árvore, perto do mar, para derrubá-la.
Sexta-Feira logo encontrou uma, de madeira apropriada, que calhava ao nosso projeto.

Um mês mais tarde, o barco estava pronto, depois de duro trabalho. Por meio de rolos de madeira, fizemo-la entrar no mar, vagarosamente.

Eu estava satisfeito.

- É bastante grande para que possamos fazer a travessia? perguntei, exultante, ao meu servo.
- Sim, sim - respondeu-me ele. - Mesmo que o vento seja forte. Meti senhor verá.

Desejava, contudo, ajuntar ao barco um mastro, uma vela, uma ancora e uni cabo.

Gastamos dois meses nesses particulares. Sexta-Feira estava interessantíssimo porque, embora soubesse com perfeição manobrar um barco - à força de remos, nada sabia do manejo de velas e leme.

Quando manobrei o barco à minha vontade, a mudar-lhe as velas e a enfuná-las para o lado que desejava, ficou de boca aberta.

Por algum tempo, navegamos ao largo da praia, a fim de que Sexta-Feira fosse tomando conhecimento de todas as manobras.
Tudo ficou pronto para a grande travessia. Entrava eu então no vigésimo sétimo ano do meu isolamento na ilha, ultimamente muito feliz, porque contava com um ser da minha espécie, que me dedicava sincera amizade e com o qual podia conversar e distrair-me.

Contudo, sentia uma coisa esquisita, um amor pela ilha, - e fui adiando a hora de partir. E chegou a estação das chuvas, que não nos pegou desprevenidos. Ia deixar a solidão, mas não me descuidara das ocupações diárias. Lavrara a terra, plantara, colhera, secara as uvas. Procedera como se fora viver na ilha por toda a vida.

O barco, eu e Sexta-Feira pusemo-lo em segurança, numa pequena baía. Meu servo preparara um pequeno estaleiro, bem profundo, e tudo ia muito bem: o barco tinha sempre bastante água, de modo que podia flutuar, fosse como fosse. Abrigado com uma intrincada coberta de largas folhas e de ramos entrelaçados, estava perfeitamente ao abrigo das chuvas.

Restava-nos, agora, aguardar o mês de dezembro, época que determinara para fazer a travessia.

O combate

FINDA a estação chuvosa, tratei da preparação da viagem, a juntar as provisões necessárias.

Uma saudade de tudo o que existia na ilha enchia-me o coração duma esquisita sensação, e pensava: "Depois de tantos anos, de tanta luta, depois de ter construído, sozinho, tudo o que tenho, devo ir-me e a tudo abandonar; que coisa mais sem nexo, abandonar o que tanto custou, em canseiras, trabalheiras, sustos, doenças, mil e uma coisa".

Se ansiara por deixar a minha ilha deserta, quando não podia fazê-lo, agora que tudo estava pronto para a partida, ia deixando o tempo passar, para gozar um pouco mais daquilo que fizera parte da minha vida por um tempo ver-

dadeiramente bem grande.
Sexta-Feira acertara que não mais me deixaria, fosse eu para onde fosse.
Marcado o dia da partida, mal sabia eu por que aventuras ainda haveria de passar.

Certa manhã, quando trabalhava nuns preparativos, pedi ao meu servo que fosse à praia em busca dalguma tartaruga.

Nem bem cinco, seis minutos fizera que ele se fora, e já regressava, a correr desabaladamente, e a gritar:

- Ó senhor! Ó senhor! Não boa coisa! Eu sei! Não boa coisa!

Corri para ele, sem nada compreender.

- Que foi? Que te aconteceu? - perguntei-lhe, aflito, porque vinha com as feições transtornadas.

- Ali! Logo ali, abaixo! Oh, meti senhor!

- O quê, Sexta-Feira!

- Barcos! Três barcos!

Levei algum tempo para acalmá-lo. Se os canibais haviam voltado, pensava Sexta-Feira que era exclusivamente para capturá-lo e fazê-lo em pedaços.

- Não há de ser nada - disse-lhe eu, procurando parecer tranqüilo. - Não vês que estou sossegado? Se corres perigo, também eu não estou na mesma situação? Não adianta estar assim como tu, descontrolado. Devemos ter calma. Coragem! Não sabes combater?

Sexta-Feira balançou a cabeça, afirmativamente.

- Pois então! - tornei-lhe.

- Sim, sim, meu senhor, mas são muitos, muitos!

- Veremos, meu caro, veremos. Nossas armas espatifá-los-ão. Estou decidido a arriscar a minha vida por ti, uma vez que me prometas fazer o mesmo, seguindo minhas ordens ao pé da letra. Que me dizes?

- Sim, sim! - tornou a repetir.

Tratamos, então, de agir. Ao meu servo dei um bom trago de rum, para fortalecer-lhe o ânimo, depois meti-lho duas espingardas nas mãos, carregadas com chumbo grosso.

Armado também, e bem armado, fomos, cautelosamente, verificar o que se passava, do alto do rochedo.

Com o óculo de alcance, vi logo que os selvagens eram vinte e um, trazendo dois prisioneiros.

- Vou matá-los a todos - disse a Sexta-Feira.

O meu servo, sob o efeito do rum, era um novo Sexta-Feira, muito vivo e ágil, cheio de coragem.

- Deves ajudar-me com decisão - disse-lhe com voz firme.

- Sexta-Feira morrerá - respondeu-me, - quando meu senhor ordenar que devo morrer.

Distribuí pelo rochedo todas as armas que trouxera. A Sexta-Feira dei uma pistola, para pôr à cintura, mais três es-

pingardas ao ombro.

Além das armas que me tocaram, duas pistolas e três mosquetes, tomei duma garrafa de rum, dum saco de pólvora e outro de balas, e, descendo o rochedo, avançamos.

- Nada farás - disse a Sexta-Feira, - sem que eu o ordene, entendeste?

- Sim - fez ele, baixinho.

- Procure não fazer ruído, e tudo sairá bem.

Adiante, havia um bosque, no qual entramos, para que ficássemos ocultos, mas pudéssemos observar todos os movi. mentos do inimigo. Vendo, pouco distante donde estávamos, uma árvore muito alta e copada, pedi a Sexta-Feira que fosse até lá, com cuidado, e procurasse ver o que estavam fazendo os canibais.

O meu servo obedeceu prontamente. Foi e em breve retornou, muito excitado.

- E então? - perguntei-lhe. - Que fazem?

- Estão todos a banquetear-se, a comer um dos prisioneiros, mas meu senhor não sabe o que vi e, de longe, com o óculo, não pude reconhecer.
- O quê?

- Um dos prisioneiros, deitado na praia, é branco e barbado.

- Branco?

Fiquei enfurecido. Arrastei-me até a árvore e pude ver mui-

to bem que Sexta-Feira dizia a verdade. Deitado na areia da praia, os pés e as mãos fortemente amarrados, estava um homem branco, de grandes barbas negras.

Não havia tempo a perder. Fiz sinal a Sexta-Feira, para que viesse juntar-se a mim, C, apenas o meu servo chegou, disse-lhe:

- Sexta-Feira, vês aquela moita alta, logo ali, naquela elevação? - Vejo - respondeu-me ele, de olhos fincados no lugar que lhe indicara.
- Pois, com cuidado e sem fazer barulho, vamos lá, que é melhor lugar do que este, para atirarmos.

Chegados que fomos, tornei ao meu servo:

- Sexta-Feira, tudo aquilo que me vires fazer, imitava-o.

- Prometo-te, meu senhor.

Tomei do mosquete e apontei. Sexta-Feira fez o mesmo.

Os canibais, sentados muito juntos uns dos outros, estavam excelentemente dispostos, para nós.

- Estás pronto? - perguntei ao meu índio.

- Sim - respondeu-me ele, decididamente.

- Então, fogo!

Demos ao gatilho ao mesmo tempo.

Sexta-Feira matou dois e feriu três, e eu - o mestre! - matei um e feri dois.

O leitor não pode calcular o reboliço que foi pela praia, toda gritos de terror. Os que não estavam feridos, num salto, puseram-se de pé, sem saber o que fazer, muito menos para onde ir.

Fizemos pontaria, de novo.

- Fogo - exclamei, - em nome de Deus!

Dois canibais apenas caíram por terra, mortos, mas o número de feridos parecia ser grande. O chumbo, grosso, como pequenas balas, fez o seu estrago.

Levantei-me, então, de onde estava, e correndo para o meio dos selvagens, seguido do meu bom servo, que em tudo me imitava, desferi um grande berro, que aos canibais todos paralisou, depois do que, muito de perto, descarreguei as pistolas.

Novos feridos, e tantos, porque os vimos correndo de um lado para outro, cobertos de sangue, vinham dar-nos vantagem, naquela aventura.

Três, logo adiante, caíram, meio mortos, na areia da praia.

Num instante, chegava junto do prisioneiro, boquiaberto e de olhos- esbugalhados, porque se salvara por um milagre.

Os canibais que puderam fugiram para as canoas.
Gritei para Sexta-Feira, que me encarava atentamente, à espera de novas ordens:

- Atira nos fujões!

O meu servo foi rápido. Tomando dum mosquete que eu deitara ao chão, para desamarrar o prisioneiro, tomou-o e

descarregou a sua carga sobre os que debandavam.
A princípio, julguei que tivesse matado a quase todos, pois eu os vi cair uns sobre os outros, com grande estardalhaço, mas muitos, recompondo-se do susto, levantaram-se.

Sexta-Feira matara apenas dois, mas estropiara alguns, que caíram no fundo da canoa, como mortos.

Cortei, então, as peias que prendiam o prisioneiro branco e barbado. Auxiliei-o a erguer-se e perguntei-lhe em português:

- Quem és tu?

O pobre passou as costas das mãos, grandes mãos muito maltratadas, pela boca, que trazia seca, e respondeu-me em latim:
- Christianus.

Vendo-o tão fraco, de pernas tão bambas que tinha dificuldade em permanecer de pé, fazendo esforços para falar, dei-lhe um gole de rum.

Reanimou-se, pouco depois, e me disse:

- Sou espanhol. Graças a Deus que me apareceste na hora exata. Tu me caíste do céu!

Conhecia muito pouco o espanhol, mas pude dizer-lhe, com vagar:

- Falaremos mais tarde. É preciso lutar.

Ele balançou a cabeça, em sinal afirmativo.

Perguntei-lhe: - Tens força para tanto? - Sim - respondeu-

me.

Uma lança, deixada por ali pelos selvagens, a qual agarrou com mão firme. Disse-me, com vigor: - Comecemos? Imediatamente, caímos sobre o inimigo, com quem Sexta-Feira lutava como leão.

Os que se encontravam nos barcos faziam esforços para escapulir. Transtornados todos com as armas de fogo, não eram capazes de pensar noutra coisa senão na fuga, assustados como coelhos.

Ora, aconteceu que Sexta-Feira, vendo-os a debandar, procurou impedi-los. Meteu-se dentro d'água e se aproximou, destemidamente, duma das canoas, que se afastava. Então, desferiu um grande grito, e como louco, pôs-se a esbordoar o inimigo, com tal furor, que me deixou inquieto. Teria enlouquecido, depois de tanta comoção? Que lhe sucedera?

Postos os selvagens todos fora de combate, Sexta-Feira correu para mim e o espanhol. Chorava, ria, saltava, dançava, dava tapas no rosto, alucinadamente.

- Que tens? - perguntei-lhe, assustado. - Fala, homem!

Sexta-Feira, dir-se-ia, perdera a voz. Abria a boca, via-se que queria falar, mas apenas emitia surdos grunhidos. Positivamente, enlouquecera.

Afinal, depois dum gole de rum, conseguiu exprimir-se.

Entrecortadamente, explicou-se:

- Na canoa... Outro prisioneiro... Vivo... Amarrado... Meu pai!

Lágrimas rolavam-lhe abundantemente pelas faces.

Corri para a canoa, seguido do espanhol, que ia dizendo:

- Ao ser feito prisioneiro, metido no barco, vi que nele já se encontravam dois outros infelizes.

Ao pai de Sexta-Feira, cortei-lhe as cordas que o prendiam, e todos, juntos, alegres, fomos para casa.

Pouco depois, um vento terrível levantou-se, vindo do nordeste, de modo que, ao seu clamor, passamos quase que toda a noite a conversar, ao pé do fogo, muito comodamente.

Os meus hóspedes

FINALMENTE, tinha a minha boa ilha povoada. Ouvia vozes, risos. Podia conversar, trocar idéias, saber de coisas da velha Europa. Estava vivendo, e vivendo intensa, gostosamente.

E sorria, interiormente, a um pensamento que me ocorrera o sempre me vinha à lembrança: tinha vassalos; todos, ali, deviam-me a vida e eu me sentia como um grande monarca muito feliz, porque todos, sem exceção, estariam prontos a arriscar-se por mim, apenas a oportunidade se apresentasse.

Estava, então, num estado de espírito todo especial. Vivia leve, de riso fácil, rejuvenescido. Mais desenvolto e muitíssimo mais otimista. E o desejo de voltar à terra natal, atiçado pelas novas da Europa, principalmente agora, que éramos quatro, e queria, a todo transe, principiar a agir.

Contudo, ouvindo a história do espanhol, meu bom hóspede, acabei por transformar os planos que assentara, os quais, por sua vez, seguiram novo caminho, dados os novos acontecimentos que sobrevieram, inesperadamente, conforme se verá, mais adiante.

- Contei-te a minha aventura, meu caro amigo - disse ao espanhol, que me trouxe a esta ilha. - Contei-te como, sozinho, no deserto, graças à bondade e misericórdia de Deus, sobrevivi para aqui estar, agora, a conversar com os meus bons hóspedes, depois de ter vivido vinte e tantos anos solitariamente. Conte-nos, agora, a tua história, que estou ansioso por conhecê-la.

Ele se ajeitou no banquinho em que se sentava e me disse, com um dar de ombro e um sorriso meio envergonhado:

- Minha história, perto da tua, não pode chamar-se história, mas contarei aos amigos o que me sucedeu. Da Espanha, com alguns compatriotas e comerciantes portugueses, deixamos Lisboa e fomos a Havana, levando mercadorias, para negócios. De Havana, onde permanecemos poucos dias, zarpamos para o Rio da Prata, levando boas coisas para comerciar e um bom dinheiro. Sobreveio, então, a caminho, terrível tempestade, que nos encheu de grande medo, violenta como nunca havia visto outra.
Depois dum sem número de vicissitudes, sempre a garrar, a garrar, naufragamos, com o navio a fazer água, e fomos apanhado-me, na praia onde fôramos dar, por selvagens. Era uma tribo pouco feroz e nos deixaram em paz. Viviam com falta de tudo, e passávamos fome.

Em dia em que, sozinho, eu me afastara, a passear pela praia, fui surpreendido por canibais, que, em canoas, vieram para fazer uma incursão na aldeia em que estávamos.

Agarraram-me e amarraram-me de mãos e pés, atirando-me, em seguida, numa das canoas, onde já dois prisioneiros jaziam, também manietados: o infeliz que aqui devoraram e o pai do nosso valoroso Sexta-Feira. Enquanto o grosso dos canibais avançava terra adentro, vinte e um deles entraram a confabular, longamente, depois do que, entraram em três barcos e aqui viemos parar, sendo milagrosamente salvos.

Perguntei ao espanhol, apenas encerrara o relato das suas aventuras:

- Que teria acontecido a teus companheiros? Teriam sido vítimas dos canibais?

Respondeu-me, calmamente:

- Não creio, porque possuíam armas. Poucas, Mas, pelo que vi, os naturais desta parte do mando desconhecem as armas de fogo e se apavoram diante do seu estrondo.

- E que fazem eles, por lá? Não desejam sair da terra?

- Sim - respondeu-me, - desejam-no e muito, mas, sem um grande barco, nem instrumentos necessários para construir um, como fazer?

Perguntei, então, ao espanhol, como julgava seria recebida uma proposta da minha parte, no sentido de libertá-los, com possibilidades de voltarem à civilização caso viessem à minha ilha.

- Oh! - fez; o espanhol. - Com grande, grande júbilo! Mas como seria possível? Isto me parece maravilhoso!

- Se todos se encontrassem aqui - expliquei-lhe, - poder-se-ia, construir um barco bastante grande que nos levaria para o sul do Brasil ou para alguma ilha espanhola, ao norte.

O meu hóspede ficou excitadíssimo, e quis saber, para que se pudesse levar avante a minha idéia, quais seriam os primeiros passos a dar.
Simplesmente, respondi-lhe:

- Trazê-los para cá.

Ele saltou do banquinho, vermelho de contentamento, e exclamou, ruidoso:
- Pois então, mãos à obra!

Sorri daquela afoiteza. Os anos passados na solidão apontavam-me problemas que não ocorreriam ao meu hóspede, todo na alegria de voltar ao seu país.

Disse-lhe:
- Com efeito, mãos à obra, mas à outra, que não a de trazê-los para cá, nestes próximos dias.

O espanhol olhou-me, sem compreender.

- Como assim?

- Sim, meu bom amigo. O que aqui temos não daria para alimentar-nos a todos. Demais, precisaríamos duma boa quantidade de víveres, para abastecer o nosso barco.

Não é verdade? Pois de imediato, o primeiro passo a dar é roçar os campos, plantar toda a semente de que possamos lançar mão e esperar a colheita antes da vinda dos teus amigos.

O espanhol coçou a cabeça, concordando inteiramente com a minha fala, e assim, os quatro, principiamos a trabalhar a terra, com grande afinco, com os instrumentos de que eu dispunha.

Durante um mês, labutamos de sol a sol, de ânimo alegre, com o pensamento no futuro. E, tendo chegado o tempo do plantio, semeamos aquilo que pudéramos poupar: vinte e dois alqueires de trigo e seis de arroz.

Pouco, então, nos ficou para viver, durante os seis meses que deviam decorrer antes da colheita, tempo, na minha ilha, que leva a semente para brotar.

Nessa espera, não ficamos ociosos. Com Sexta-Feira, de quando em quando, ia à caça, atrás de cabritos, para aumentar o nosso rebanho.

Quando chegou a época de colher as uvas, pus a secar uma quantidade enorme de cachos, que daria para encher mais de cinqüenta barris.

Feita a colheita, tendo tudo corrido normalmente, os vinte e dois alqueires de trigo deram-nos duzentos e vinte, e o arroz multiplicara-se proporcionalmente.

Terminada a colheita, tínhamos já pronta boa quantidade de cestos, para armazenar os grãos, e assim, era chegada a hora da partida: o espanhol, com o pai de Sexta-Feira, deixaria a minha ilha, em busca dos amigos, enquanto eu e o meu servo ficaríamos trabalhando noutros preparativos.

Cada um deles se foi com uma espingarda, algumas cargas de pólvora e de chumbo grosso, pólvora e chumbo que, recomendei-lhes, deviam economizar, usando-os tão so-

mente, em ocasiões de grande necessidade.

Foram estas as medidas que, com decisão, tomei para a minha liberdade, após vinte e sete anos e alguns dias de permanência na ilha, segundo o meu calendário.

Levando armas, pão, passas e água, para vários dias, lá se foram os meus bons hóspedes, com bom vento, muito fresco C constante, segundo os meus cálculos pelo mês de outubro, em busca de braços para a nossa salvação.

Visitas inesperadas

Havia oito dias que esperávamos a volta do espanhol do pai de Sexta-Feira, com os europeus, quando uma inesperada aventura, como outra igual não houve em história alguma, veio surpreender-nos e modificar todo o plano que anteriormente traçáramos.

Era pela manhã dum dia muito claro, aprazível e belo, cheio do canto das aves, quando Sexta-Feira, que fora à praia em busca dalgumas tartarugas, veio precipitadamente a gritar, ao meu encontro:

- Senhor, Senhor! Eles estão aí! Estão chegando!

Julgando tratar-se dos nossos amigos, que vinham de volta, corri em direção do mar, muito interessadamente o satisfeito, mas logo fiquei deveras surpreendido ao ver, a mais ou menos légua e meia de distancia, um escaler, com uma vela triangular, dirigindo-se para o meu lado, tocado por um vento muito favorável.

Disse a Sexta-Feira:
- Positivamente, não são os homens que estávamos espe-

rando. Fica quieto, porque o movimento brusco pode chamar-lhes a atenção. Vamos voltar bem devagar. Armemo-nos, tomemos o óculo de alcance e subamos ao nosso rochedo, para observá-los.

Assim que trepei ao rochedo, que me servia de observatório, com o óculo de alcance vi, muito bem, que um navio, inglês por sua estrutura, estava mais de duas léguas e meia, majestosa e ancorado a pouco calmamente.

Fiquei numa louca alegria. Um navio, cuja tripulação era, provavelmente, toda composta de gente da minha pátria, estava ancorado ao largo!

Mas, que negócios podia ter um barco inglês, nesta parte do globo?

Fiquei confuso. Muitas suspeitas entraram a i pressionar-me.

Aquele Caminho não levava, tinha a certeza de tantos e tantos anos, a país algum onde os meus com. patriotas haviam estabelecido o seu comércio.

Teria havido alguma tempestade, que os tivesse arrastado para estas bandas? Não sabia de nenhuma.

Então, comecei a matutar que alguma "boa" marosca, havida entre a tripulação, trouxera para a minha ilha o navio, propositadamente, longe das rotas conhecidas. E, fossem quem fossem eles, não vinham com boas intenções. Mais me valia, pois, aqui, a solidão, do que cair entre assassinos e ladrões dos mares.
Assim, tratei de acautelar-me.

Disse a Sexta-Feira, que observava o escaler, que se mo-

via vagarosamente:

- Não estou gostando nada do que vejo.

Perguntou-me, inquieto:

- Coisa não boa, senhor?

- Sim, meu caro. Algo diz que teremos grosso contratempo.

- Precisar lutar?

- Não sei, não. É possível. E que o bom Deus nos ajude.

Logo depois, o escaler aproximou-se da praia, bem lá para diante, no sítio em que mais me dava gosto passear. Vários homens saltaram para terra. Eram ingleses, efetivamente, com exceção duns dois ou três, que me pareceram holandeses, coisa que não poderia, entretanto, afirmar.

Contei, ao todo, onze homens. A não ser três deles, que me pareceram amarrados, os demais estavam armados. Gesticulavam. Davam patadas no chão. Discutiam, com toda a certeza, e com muito ardor.

Depois de certo tempo, sossegaram. Haviam, decerto, assentado alguma coisa. Cinco ou seis, dentre eles, espalharam-se pela ilha, como que a vistoriar a região em que se encontravam. Em seguida, foram os outros, menos os três manietados e dois marinheiros.

Enquanto eu estava a pensar no que realmente significava tudo aquilo que além, na praia, se desenrolava, Sexta-Feira exclamou:
- Oh, Senhor! Homens entraram no mato! Vão catar lenha

para fazer fogueira e cozinhar os prisioneiros!

Embora passássemos por sério perigo, não pude deixar de sorrir:

- Não, não, meu caro Sexta-Feira! - disse-lhe. - Receio que os matem, a sangue frio, mas, quanto a comê-los, tenho a certeza de que não o farão! Por Deus! Não penses em semelhante coisa!

Com toda a prudência, eu e Sexta-Feira descemos do rochedo e fomos avançando' para perto do lugar em que os invasores da ilha estavam.

Quando chegamos a uma boa distância, em que podíamos ouvi-los, escondemo-nos por detrás dumas pedras altas, sob a sombra duma copada árvore, e ali nos deixamos ficar, muito quietos e atentos, prontos para enfrentar o que se nos deparasse.

Bem armados, veríamos o que ia suceder. Lamentava, então, que o espanhol e o pai de Sexta-Feira ali não estivessem, porque seríamos quatro e melhor resistiríamos, caso fôssemos descobertos e atacados.
A maré estava alta, quando desembarcaram. O tempo foi passando, e o mar, vazando. O escaler, assim, agora, estava em seco e irremissível do local em que estacionaram.

Cientes de que os prisioneiros não poderiam movê-lo, os dois marinheiros que os vigiavam também adentraram a ilha, para juntar-se aos outros.

Esperei algum tempo e resolvi mostrar-me aos três.
Assim que eu e Sexta-Feira aparecemos, terríveis na nossa vestimenta. e nas nossas armas, perguntei-lhes, baixinho:

- Quem Bois?

Assustaram-se. Empalideceram.

Disse-lhes:
- Nada temais. Talvez tenhais aqui a dois amigos, com os quais não contáveis.

Pareceram acalmar-se.

Disse-me um deles:

- Viestes do céu, certamente! Sim, porque a nossa miséria está acima de toda ajuda humana.

Respondi-lhe:
- Toda ajuda vem do céu, senhor. Podes confiar em mim e no meu servo.

Com lágrimas nos olhos, replicou-me:

- Falo a um homem? Ou falo a um anjo?

Sorri-lhe:

- Não tenhas dúvida alguma, meu amigo. enviasse um anjo em teu auxilio, e dos teus amigos aos olhos apareceria com melhores vestimentas armas. Sou inglês, e estou disposto a ajudar-vos.

O pobre homem que me falava tremia.

Exclamou:

- Oh, senhor! Que Deus te abençoe!

- Fui comandante do navio ancorado além. Tu o vi

- Sim, eu o vi.

- Os meus homens revoltaram-se contra in me mataram até agora porque o bom Deus não o Mas pretendem abandonar-me nesta terra, com os fiéis amigos, o meu contramestre e o meu piloto.

Apontou para o homem que lhe estava mais - o contramestre ruivo e de largos ombros, depois - o piloto - atarracado, moreno . Propus-lhes:

- Ofereço-vos a minha casa. Vinde comigo, tenhamos novidades.

Desamarrei-os, ajudado por Sexta-Feira, e mente, dirigimo-nos à minha casa.

Luta

Os três homens comeram alguma coisa e beberam.

Perguntei ao capitão do navio:

Que é feito dos bandidos?

Estão a descansar, a dormir na mata além, os vagabundos.

- Estão armados?

- Muito parcamente.

Bem, ouvi-me todos, então. Quero ver se consigo salvar-vos, mas imponho-vos duas condições. Primeira: enquan-

to estiverdes nesta ilha, renunciareis a toda autoridade. Deveis obedecer-me em tudo, cegamente. Segunda: se conseguirmos recuperar o navio, haveis de levar-me, e ao meu servo, à Inglaterra, sem que nos peçais por isso um único ceitil. Jurais que assim será feito?

O capitão, o contramestre e o piloto juraram solenemente que me obedeceriam em tudo. Que ordenasse, e a tudo cumpririam, ao pé da letra, de bom grado.

- Então - tornei-lhes, - estão todos a descansar, a dormir, bem? Nada mais fácil do que matá-los, ou faze-los prisioneiros.

Contou-me, então, o capitão, que, entre os celerados, dois homens havia deveras perversos, preciosíssimos, dos quais não se devia esperar senão o mal. E acrescentou:

- Se pudermos capturar a esses dois, tenho quase certeza de que os demais voltarão ao seu dever. Hei de mostrar-te, meu amigo, quais são eles. São perversos, o devemos sempre tê-los sob vigilância.
Pensei uns minutos, depois do que disse:
- Pois muito bem! Armemo-nos e façamos, com calma, o que tem que ser feito.

Dei-lhes três espingardas, pólvora e chumbo grosso, o consultei o capitão e os dois outros se estavam em condições de enfrentar a situação. A uma afirmativa de que estava bem, saímos, passamos a paliçada e nos dirigimos, em silêncio, para a mata.

Perguntei ao capitão, a caminho:

- Não achas que devemos, todos ao mesmo tempo, se estiverem lá, fazer fogo contra eles? Se alguém, escapan-

do da descarga, quiser render-se, poderíamos salvar-lhe a vida. Que achas?

O capitão não pareceu gostar da idéia.

- Custa-me matá-los - disse-me. - Não haverá outro meio de agirmos? O que não devemos permitir é que os dois cabeçudos “capem, isto sim, porque, caso o consigam, estaremos perdidos. Jogarão toda a tripulação sobre nós.

- Sendo assim, voltemos à minha idéia.

- Não, não! Matá-los, a todos, não!

Enquanto conversávamos, chegamos a um ponto que não nos era mais possível avançar, sem que chamássemos a atenção dos amotinados. Estacamos, atrás duma pedreira, e ficamos a observar a mata.

Passados que foram alguns minutos, vimos que dois homens, bastante encorpados, de calças pardas e camisas listadas, a conversar, apareceram, saídos detrás dum mato alto.

- São os dois cabeças da rebelião? - perguntei, baixinho, ao capitão.

- Não! apressou-se ele a dizer-me.

- Pois muito bem! - tornei. - Que escapem, então. Deus deve tê-los feito sair do ninho de lagartos para salvar-lhes a vida! Quanto aos outros, se não se salvarem, paciência!

O capitão, ansioso, avançou para os dois, num repente, tentando capturá-los, mas, perto, um marinheiro que cochilava, estendido no mato, pressentindo o perigo, pôs-se

a gritar, para chamar a atenção dos companheiros.

O contramestre e o piloto, um pouco afastados, protegendo o capitão, adiantaram-se, de comum acordo, e fizeram fogo. Mataram um, e o outro, apesar de gravemente ferido, entrou a berrar, pedindo socorro.

- Nada de socorro! - gritei eu. - O que há a fazer, malandros, é rogar a Deus que vos perdoe a traição!

A luta principiou. Com uma coronhada, o capitão pôs fora de combate a dois rebeldes. Ao ferido, o piloto, com um bom murro, deitou-o por terra. Os dois cabeças do motim, apenas surgiram, foram liqüidados.

Apanhados assim, de surpresa, atirando eu e atirando Sexta-Feira, certeiramente, o capitão e os dois companheiros, ferozes, em busca de vingança, a luta, apenas esboçada, terminou.

Pilhados desprevenidos, desorganizados, sentiram os rebeldes que seria impossível resistir. E se ofereceram, todos, ao capitão, que consentiu em tê-los de volta, com a condição de que cooperassem fielmente para a recuperação do navio.

Os prisioneiros deram todas as demonstrações de arrependimento que o capitão podia desejar. Resolveu-se, então, que a vida lhes seria poupada. Fora de combate as duas ovelhas negras, tudo parecia correr normalmente.

Disse ao capitão:

- Conservemos a todos atados de pés e mãos, enquanto não chegarmos à conclusão de que, de fato, irão colaborar conosco.

Assim foi feito, e regressamos à minha casa, tendo Sexta-Feira, a uma ordem minha, com o contramestre, ido para o escaler, com ordem de tirar-lhe as velas e os remos.

Vendo, então, todos os nossos adversários fora de combate, pude, depois, com calma, fazer ao capitão a narrativa das minhas aventuras na ilha, desde que aqui viera ter, lançado à praia.

Ouviu-me com grande interesse, com muita atenção, interrompendo-me inúmeras vezes, para perguntar isto ou aquilo, ou fazer este ou aquele comentário.

De vez em vez, repetia, de olhos pregados em mim:

- Foi um milagre! Verdadeiramente, um milagre!

E quando lhe disse, muito sério e muito convencido, que a providência não parecia ter-me conservado senão para salvar-lhe a vida, ficou tão emocionado que se pôs a chorar, refletindo sobre o que lhe ocorrera.

Terminada a minha história disse-lhe:

- Agora, meu bom amigo, resta-nos pensar de que maneira recuperaremos o navio.

- Sim, é verdade, respondeu-me. Não sei que medi. das tomar. A bordo estão vinte e seis homens. Sabendo que, em virtude da rebelião, merecem ficar a ferros, não quererão render-se, porque sabem que, uma vez chegados à Inglaterra, terão a forca. Como atacá-los, com tão poucos homens?

- Resta-nos - disse-lhe, - pensar numa armadilha, em que

caiam, - infalivelmente. Não achas que, com a demora dos que vieram para cá, lancem outro escaler ao mar para ver o que aconteceu?

- É bem possível, é quase certo.

- Então, esperemos, para ver se assim de fato acontecerá. Sexta-Feira ficará de sentinela, com o óculo de alcance, no rochedo, que é o meu observatório.

Estava certo de que não demoraria muito e os homens do navio, desconfiados com a demora dos companheiros, deitariam segundo escaler ao mar para ver o que sucedera, e receava que viessem bem armados e em grande número.

Disse, então, ao capitão:

- Creio que uma coisa que devíamos fazer era inutilizar o escaler que ficou na praia. Assim, se vierem do navio, não poderão levá-lo.

Verdadeiramente, tinha as minhas dúvidas de que pudéssemos tomar o navio. O que tinha em mente era, isto sim, no caso de que partissem deixando-nos o escaler, concertá-lo e colocá-lo em estado de conduzir-nos até os nossos amigos, que o espanhol e o pai de Sexta-Feira foram alcançar, mas que, por qualquer motivo, não puderam regressar, até o momento.

O capitão concordou.

Pusemo-nos, então, em direção à praia e, uma vez chegados, começamos por tirar do pesado barco o que nele ficara: uma garrafa de rum e outra de aguardente, algumas bolachas, uma barrica cheia de pólvora e um pão doce, enrolado num pedaço de pano.

Esse achado encantou-me, porque não o saboreava desde os meus tempos de rapazola, de modo que, com o consentimento do capitão, devorei-o na hora.

Depois de vazio o escaler, nele fizemos um grande buraco, para torná-lo inútil ao inimigo.

Não satisfeitos com isso, conseguimos, com grande esforço, empurrá-lo bastante para o interior da ilha, a fim de que nem mesmo a maré pudesse pô-lo a flutuar.

Ouvimos, então, naquele instante, um tiro de peça. E distinguimos, ao mesmo tempo, no navio, além ancorado, um sinal, decerto conforme fora combinado entre os amotinados, para que se levasse o escaler de volta, para bordo.
Voltamos, assim, para o rochedo, onde Sexta-Feira ficara de sentinela, para observarmos o movimento no navio.

A posse do navio

Vimos, distintamente, que outro escaler era deitado ao mar, e que se dirigia à praia, à força de remos.

Quando estavam ao alcance de nossas vistas, nele pudemos contar dez homens, todos armados.

- Que achas, capitão, daqueles que se aproximam? - perguntei.

O capitão, a olhar pelo óculo, respondeu-me:

- Há, entre eles, três rapazes valentes, bons e cordatos, que foram arrastados à aventura à força. Quanto aos de. mais, são os piores da tripulação. Esses não desistirão da

empresa, e, sei, meu bom amigo, dar-nos-ão imenso trabalho.

Toquei num dos ombros do capitão, que me olhou. Sorri-lhe.

- Nada de esmorecimento - disse-lhe. - Só veio, no momento, uma coisa embaraçosa.
- Qual?

Estarão os nossos prisioneiros prontos a ajudar-nos?

O capitão pensou Por um momento, depois do quê respondeu-me:

- Com exceção de dois deles, creio nos demais.

- Bem - tornei, - então, preparemos para o que der e vier. E de olho nos dois.

Logo que chegaram à praia, os homens vindos do navio correram ao primeiro escaler. Percebemos perfeitamente que ficaram surpreendidos, vendo-o furado no fundo e sem os seus acessórios.

Pouco depois, um dos homens deu um grande grito, para chamar a atenção daqueles que aqui aportaram, no escaler agora inutilizado.

Não obtendo resposta, confabularam, por algum tempo. Puseram-se, depois, em círculo e deram uma descarga com as armas.

Aturdidos com o silêncio que se fez, tornaram a reunir-se e de novo confabularam, desta vez mais demoradamente. Então, para surpresa nossa, embarcaram e remaram para

o navio. Todavia, quando já se achavam bem distanciados, retrocederam e tornaram à praia. Sete deles desembarcaram e três ficaram no escaler.

Os sete logo adentraram a ilha, marchando para o nosso lado, de tempo em tempo lançando gritos de chama. mento. Num certo ponto, estacaram. Sentaram-se no chão selvoso e entraram a conferenciar. Notamos, então, que estavam amedrontados com o silêncio, encafifados com a falta de resposta dos companheiros.

Por um momento, julguei que iam dar segunda descarga, pelos amigos. Então, para ver se conseguiriam fazer-se ouvir propus ao capitão:

- Que achas, se derem segunda descarga, aproveitar por estarem todos com as armas descarregadas e, dessa maneira, de surpresa, cairmos sobre eles?

O capitão sorriu, de olhos a brilhar.

- Seria uma ótima coisa - disse, colocando-me uma das mãos, amistosamente, no ombro.

Mas o que desejava não aconteceu. Esperamos longo tempo, e percebi que, antes de chegada a noite, nada pode. ríamos fazer.

Depois de termos esperado um tempo enorme, vimos que os homens se levantaram e buscaram a praia.

O capitão, vendo que se iam, exasperou-se, e queria agir de qualquer maneira.

- Não - disse-lhe. — Não devemos perder a cabeça. Com calma resolveremos tudo. Nada de precipitações, porque

se assim fizermos, a tudo poremos por água abaixo.

Pensei por um instante. Que fazer, naquela emergência? Lembrei-me, então, dum estratagema.

Dei ordem a Sexta-Feira e ao contramestre para que passassem à praia, pelo oeste, e fossem ficar adiante deles, recomendando-lhes que, uma vez chegados a um lugar onde pudessem ocultar-se, entrassem a gritar com todas as forças, e que ali se deixassem ficar, sempre escondidos, até que tivessem plena certeza de que tinham sido ouvidos.

Em seguida, ficando sempre a coberto, voltassem em círculo, a soltar gritos de quando em quando, para atrair os homens para as matas, vindo, em seguida, ter conosco.

Estavam os marinheiros entrando no escaler, juntando-se aos três que ali haviam ficado, quando Sexta-Feira e o contramestre principiaram a gritar;

- Eu! Olá! Aqui!

Os homens entrepararam. Alvoroçaram-se, olhando uns para os outros, depois para o oeste, donde vinham os gritos. Puseram-se, então, a caminhar naquela direção, tendo ficado dois deles de guarda ao escaler.

Sempre e sempre atraídos pelos chamados de nossos dois homens, penetraram todos na mata. Era justamente o que eu desejava.
- É chegada a hora - disse ao capitão e aos demais marinheiros. - à praia, e em silêncio!

Quando chegamos, um dos que ficaram a montar guarda ao escaler espichava-se na areia, e o outro, deitado no

fundo do barco, descansava, ambos despreocupadamente.

Aproximamo-nos como sombras, e quando, a um sinal meu, caímos sobre o que estava na praia, não teve ele tempo sequer de saber o que lhe acontecia: com uma boa coronhada na cabeça, ficou estendido no lugar em que se achava, sem sentidos.

Ao outro, que dormitava dentro do escaler, dificilmente, fizemo-lo prisioneiro, e logo capitulou e se aliou conosco, prometendo servir-nos com toda a fidelidade, temeroso da forca, porque conhecia o fim dos amotinados na Inglaterra.

Entrementes, Sexta-Feira e o contramestre continuavam a gritar, sempre atraindo os outros homens, que circularam longamente pela mata, cerrados e pedreiras, até o cair da tarde.

Cansados e aturdidos, temerosos das sombras da noite que se avizinhava, resolveram regressar à praia. Correndo, cheios de medo, ouvimos, quando chegavam, que um deles, com voz trêmula, dizia:

- Juro-vos que isto é uma ilha encantada! Toda ela habitada por maus espíritos! Depressa, alcancemos o escaler e busquemos o navio, antes que sejamos todos devorados, como fizeram aos nossos camaradas.

Quando se avizinhavam, o marinheiro que havíamos capturado e que passara para o nosso lado, gritou-lhes, bem alto, conforme havíamos combinado:

- Olá, Tomás!

Escurecera, então, de modo que aos nossos inimigos era impossível saber quantos éramos. Ouvimos que todos estacaram, e, pouco depois, aquele que fora chamado respondeu:

- És tu, Johnson?

- Sim, eu mesmo.

- Que há?

- Por Deus, Tomás, depondes as armas, vós todos, e rendei-vos, senão morrereis, num instante.

Houve um momento de silêncio, depois o cicio de cochichados.

- Morrer? - fez ele, instantes após. - Como assim?

- Estão aqui! Todos!

- Mas, quem? A quem havemos, de render?

- Estão aqui! - tornou Johnson. - o capitão, com cinqüenta homens, que vos procuraram por horas a fio.

Tomás perguntou:

- E o chefe? Que é feito de William Frie?

- William Frie aqui está, morto. Resistiu, por isso acabaram com ele. A mim, fizeram-me prisioneiro de guerra. Quanto a vós, se não vos renderdes, estareis todos perdidos. Ouvi-me e vivereis.

Novamente, o silêncio imperou por uns momentos. Logo,

a voz de Tomás se fez ouvir, meio trêmula:

- Johnson?

- Sim - respondeu o nosso aliado.

- Se nos rendermos todos, dar-nos-ão quartel? Se todos depusermos as armas?

- Vou falar ao capitão! Esperai!

O capitão pôde a falar com Johnson, depois, erguendo a voz, dirigiu-se a Tomás, perguntando-lhe:

- Conheces a minha voz, não e assim, Tomás?

O outro respondeu, depois de algum tempo:

- Sim, capitão, eu a conheço.

- Pois se depuserdes as armas!

- Pelo amor de Deus, capitão! Dê-nos quartel! Livrai-nos da forca!

- Quartel? - repetiu o capitão. - Nada posso afiançar-vos. Antes, tereis que esperar a clemência do governador da ilha.

Era a mim que o capitão se referia, e eu sorri, lisonjeado e divertido ao mesmo tempo.

- Deveis; render-vos, sem condições - tornou ele, - e esperar a decisão do governador.

Todos, então, depuseram as armas, pedindo que lhes fos-

se concedida a graça da vida.

Amarrados, fortemente amarrados, caíram todos na armadilha que lhes havíamos preparado.

- Agora - disse-lhes; o capitão, - falarei ao governador, além, para ver o que será feito de vós.

Afastou-se, perdeu-se na escuridão, e depois dum certo tempo, tornou aos prisioneiros.

- Julgastes - disse ele aos homens que havíamos capturado, - que, abandonando-me nesta ilha deserta, tudo haveria de correr-vos bem? Não! Aprouve a Deus que os homens do governador desta terra me salvassem a vida. O governador sente um desejo imenso de enforcar-vos, já, a todos, sem clemência, porque o que fizestes foi tremendamente inominável.

Fez uma pausa, depois continuou, para os homens, que, lívidos e trêmulos, esperavam:

- O governador quer enforcar-vos já. Todavia, como vos dei quartel, consegui abrandá-lo, mas deveis jurar-me solenemente que nos ajudareis a reconquistar o meu navio. O meu navio, ficou bem claro?

Os homens caíram de joelhos e juraram fidelidade ao capitão, até a última gota de sangue.

- Pois muito bem! exclamou o capitão. Vou comunicar ao governador as vossas promessas.

Como não me conheciam na qualidade de governador, podia representar outra personagem. E, sempre falando com

muita lábia sobre o palácio do governador, e dos homens que tinha a seu serviço, conseguimos, com maior facilidade do que supúnhamos, tomar o navio, naquela mesma noite, sempre ajudados pelas nossas melhores aliadas - a escuridão e a surpresa.

Robinson deixa a ilha deserta

Com que alegria vimos o fim de toda a nossa aventura! Eu, principalmente, considerando-me livre da solidão em que por tão longos anos vivera, ria por qualquer motivo.

E estava tão alegre que outra coisa não fazia senão imaginar-me em alto mar, rumo à Inglaterra. E dava graças a Deus, que sempre e sempre me protegera, com todas as forças da minha alma.

Mas era tempo de tratar dos prisioneiros, daqueles que, teimosos o de má índole, permaneceram firmes no erro.

O caso era sério, principalmente a respeito de dois ou três deles, cuja malvadez era invencível.

Como o capitão era homem de bons sentimentos, avesso ao derramamento de sangue, disse-lhe:

- Meu caro amigo, sei dum meio para que levemos os celerados a pedir-te como uma graça a permissão de aqui em terra ficar.

Vejamos.

Fiz com que os prisioneiros viessem à minha presença, dizendo-lhes:

- Sou o governador da ilha e sei perfeitamente da vossa conspiração contra o capitão. Da pirataria que pretendias cometer com o navio que procurastes tomar. Assim sendo, que fim devereis ter? Acabareis na ponta duma corda, quando chegardes à Inglaterra, a ferros. Todavia, presos, a vós vos foi prometida a vida, e eu estou agarrado a palavra dada, cumprindo o que vos foi assegurado. Deveis, portanto, escolher: a forca, na Inglaterra, ou a vida, aqui.

Pareceram receber a minha proposta com grande reconhecimento, dizendo-me:

- Preferimos viver aqu4 infinitamente o preferimos, a voltar à Inglaterra.

Quando percebi a sua determinação, passei a dar-lhes as mais completas informações sobre a ilha: como semear, secar as uvas e tudo aquilo que, por longos anos, levara a efeito. Falei-lhes ainda do velho pai de Sexta-Feira e de vários espanhóis, que deviam chegar, e para os quais deixei uma carta.

Deixei-lhes também as minhas armas e pólvora do navio em que se rebelaram. Ensinei-lhes a maneira de criar cabras, de mungi-las, de engordá-las, de fazer manteiga e queijo. Dei-lhes, de presente, o que consegui do capitão, um saco cheio de ervilhas, dizendo-lhes até que ponto se multiplicariam, se as semeassem devidamente

Afinal, chegara a hora do adeus à ilha. Tinha os olhos cheios d’água. Comigo, de recordação, levei um gorro de pele de cabra, o meu guarda-chuva e o papagaio - e o dinheiro que tinha guardado. Ficara enterrado por tão longo tempo que estava muito oxidado ou enferrujado.

Foi assim que deixei a minha ilha, com o bom e fiel Sexta-

Feira. Era a 18 de dezembro de 1686, segundo a folhinha do navio, tendo ali vivido, com a grande e unta ajuda de Deus, vinte e oito anos, dois meses e dezenove dias.
A viagem para a Ilha, aterra foi ótima. Cheguei à pátria a 11 de junho de 1687, depois dama ausência de trinta e cinco anos.

Quando pus os pés no meu país natal, com lágrimas nos olhos, achei-me tão estranho como se nunca ali estivera jamais.

Fui a York. Meu pai e minha mãe não mais viviam. Apenas um dos meus irmãos, os seres que a mim se ligavam.
Como há tanto tempo passava por morto, deixaram-me fora da partilha dos bens. As. sim, não me ficara outra coisa senão o meu tesouro, que não me era suficiente para a manutenção.

Contudo, o capitão, ao qual salvara a vida e o navio, conseguiu-me dos grandes da companhia a que seria duzentos libras esterlinas, como recompensa.

Então, resolvi ir a Lisboa para informar-me do que sucedera com as terras que possuía no Brasil e de como estavam os meus negócios. Segui com Sexta-Feira, que me acompanhava a toda parte e a quem queria como a um filho.

Em Lisboa, fiquei sabendo que tudo estava em ordem, do que muito me admirei: os meus sócios cuidaram dos meus interesses muito honestamente, depositando nos bancos tudo aquilo que mo pertencia, bastando que eu desse a conhecer os meus direitos.

Foi uma grande alegria. E logo, sem que precisasse voltar ao Brasil, por intermédio dos meus sócios, tudo veio parar às minhas mãos, direitinho.

FIM